

NOVEMBRO DE 1978

A Liahona

Número
especial
dedicado
ao Templo
de São Paulo





**A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA**

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

**CONSELHO
DOS DOZE**

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

**COMITÊ DE
SUPERVISÃO**

James E. Faust
Paul H. Dunn
M. Russel Ballard

EDITOR

James E. Faust

**EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE**

Larry Hiller,
Editor Gerente;
Verl F. Scott,
Gerente de Negócios;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Roger Gylling,
Desenhista

**EXECUTIVO DA
«A LIAHONA»**

José B. Puerta,
Editor Responsável;
Maria Antônia Brown,
Redatora;
Moacir S. Lopes,
Supervisor Layout

A Liahona

Este é o Templo de São Paulo	2
A Presidência do Templo de São Paulo	14
A Finalidade desses Templos	17
Élder Gordon B. Hinckley	
Templos e Casamentos para a Eternidade	22
Presidente Spencer W. Kimball	
Por Que os Mórmons Constróem Templos?	29
Mark E. Petersen	
Uma Visão do Templo	45
Élder John A. Widtsoe	
Visão da Redenção dos Mortos	49
Presidente Joseph F. Smith	
A Igreja nos Países Sul-Americanos	54

O candelabro, na
Sala Celestial do
Templo de São Paulo,
é feito de cristal
da Tchecoslováquia

Fotografias desta Edição têm direitos de propriedade reservados pela
Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias. Proibida a reprodução.

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linolettra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Este é o Templo de São Paulo

Quando o Presidente Kimball anunciou, durante a Conferência de Área em São Paulo, no dia 1.º de março de 1975, que teríamos um templo nessa cidade, todos os santos rejubilaram. E ele conosco. Ele disse: "Hoje, meus irmãos e irmãs, é um dia glorioso para a América do Sul. De todas as conferências de área que realizamos, esta é a primeira em que anunciamos um novo templo para uma área. Agrada-nos sobremaneira dar-lhes as esperanças desta grandiosa oportunidade." Ele então aconselhou: "Esperamos que recebam este templo como um novo sacrifício, pois nós lembramos que o sacrifício traz as bênçãos dos céus. De todas as bênçãos que lhes são proporcio-

nadas, nenhuma é maior que as advindas quando os pais e mães são selados um ao outro, para o tempo e toda a eternidade, tendo todos os filhos selados a eles, de modo que as famílias continuem indefinidamente, tornando-se como Deus, e crescendo juntos em retidão e perfeição."

Os serviços dedicatórios para o templo de São Paulo estão marcados para 31 de outubro, 1.º e 2 de novembro de 1978. Será então possível que os membros da Igreja em toda a América do Sul, totalizando aproximadamente 208.000, adorem o Senhor em Sua casa e participem das sagradas ordenanças do templo.

Excetuando-se apenas a Venezuela, o distrito do Templo de São Paulo inclui

Uma Sala de Casamento e Selamento do Templo de São Paulo



Sala Celestial do Templo de São Paulo



todos os países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Uruguai e Brasil. Os membros dignos de todos esses países pertencentes ao distrito do Templo de São Paulo podem ser convidados pela presidência do templo, através das presidências das estacas e missões, a fazer a obra pelos vivos e pelos mortos, como batismos, endowments e selamentos.

Entretanto, os membros que residem dentro desta área, podem freqüentar, desde que sejam dignos e tenham uma recomendação, este ou qualquer templo, em qualquer país, pois sua recomendação é válida para todos os dezessete templos em uso hoje.

O terreno do templo, adquirido pela Igreja em 1974, é uma área de 7.500 metros quadrados, incluindo jardins e estacionamento. Localiza-se no lado norte da Av. Prof. Francisco Morato, 2390, no bairro do Caxingui, São Paulo.

A construção da Casa do Senhor iniciou-se a 20 de março de 1976, com a cerimônia de abertura da terra presidida pelo Élder James E. Faust, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta. Nessa ocasião, mais de 2.000 Santos ouviram Élder Faust perguntar: "Com a construção deste maravilhoso templo, qual é o nosso desafio? Chegou o momento de uma nova e importante era para o trabalho de Deus na América do Sul."

Ele disse: "Este importante desafio para todos nós que somos privilegiados de pisar neste local sagrado... é fortalecer nossa fé e novamente iniciar com um grande desejo de sermos fiéis Santos de Deus nestas terras."

Élder Faust, ao continuar, declarou: "Sobre a porta de entrada deste templo estará escrito: 'A Casa do Senhor' e 'Santidade ao Senhor'. Será a primeira vez nesta dispensação que essas palavras terão sido escritas em um edifício sagrado na América do Sul."

Um ano depois, a pedra angular do Templo de São Paulo foi cimentada em









seu lugar na quarta-feira, 9 de março de 1977, pelo Presidente Marion G. Romney, segundo Conselheiro na Primeira Presidência. As cerimônias foram presididas pelo Presidente Spencer W. Kimball, e dirigidas pelo Élder James E. Faust. O Presidente Romney disse: “Um templo é uma casa de Deus, construída em honra ao Deus vivo e verdadeiro. Nosso desafio é viver de maneira tal que possamos entrar no templo, sempre mantendo-o sagrado, e não permitindo que o mal entre lá dentro. Se assim fizermos, o Salvador lá estará.”

O Élder Faust disse que “a construção do templo e a colocação da pedra angular significam a consolidação da Igreja na América Latina. As ordenanças mais elevadas estão disponíveis no templo, assegurando a unidade eterna da família.”

Vários grupos de trabalhadores foram organizados dentre as estacas da Grande São Paulo e Baixada Santista, a fim de limpar o terreno e fabricar os blocos de cimento para a parte exterior do edifício. Eles trabalharam sob a direção do supervisor da construção, Ross Jensen.

Este monumento espiritual foi projetado por Emil Fetzter, arquiteto da Igreja, o qual também projetou os templos de Provo, Ogden, Washington, Tóquio, Seattle, México, Samoa e Jordan River. O Templo de São Paulo, apesar de pequeno em comparação com outros, é completo em todos os aspectos, e tem capacidade para a realização de um grande número de ordenanças. Tornar-se-á o décimo sétimo templo em uso pela Igreja atualmente.

Dentro dele há duas salas para ordenanças, uma sala celestial, quatro salas de selamento, para casamentos, e um batistério. Há também uma área de recepção, escritórios, vestiários, cozinha e refeitório para os oficiantes do templo, uma lavanderia, um centro infanto-juvenil, e muitas outras dependências projetadas para a conveniência e auxílio das

O teto e os espelhos da Sala Celestial
do Templo de São Paulo





Esta foto do Templo foi tomada durante as etapas finais da construção



Entre as Estacas da Grande São Paulo e Baixada Santista, organizaram-se vários grupos de trabalhadores para limpar o terreno

Operários dando os toques finais no templo de São Paulo

peçoas que participam das várias atividades realizadas no edifício.

As salas de ordenanças são adjacentes à sala celestial, e ambas têm uma capacidade máxima de 84 pessoas por sessão.

A fonte batismal, no batistério, que fica na parte posterior do templo, é feita de uma só peça de aço inoxidável. Sua parte externa é coberta com placas de mármore fundido, acoplada a doze bois, o que dá a impressão de que os bois a sustentam. Esta utilização dos bois segue o projeto tradicional da pia batismal usada no Templo de Salomão, e simboliza as doze tribos de Israel. A fonte é feita especialmente para batismos pelos mortos, uma ordenança que não pode ser realizada em qualquer outro lugar, a não ser em templos. A água usada nessa fonte tem temperatura controlada e é tratada quimicamente por sistema próprio.

A estrutura do edifício foi projetada para ser à prova de terremoto. A grande

quantidade de concreto usada — aproximadamente 2.700 metros cúbicos — recebeu aditivos, dando-lhe a durabilidade necessária para torná-lo estruturalmente seguro.

Uma grossa camada de material impermeabilizante foi usada no subsolo, e o piso da maioria das salas é recoberto com um carpete grosso feito especialmente para o templo.

A maior parte do estofamento dos móveis é de veludo e cetim de tonalidades claras (pastel). Em algumas partes, o revestimento das paredes é de jacarandá de Mato Grosso. As paredes das salas de ordenanças, de selamento e da sala celestial são recobertas com material vinílico de cores claras. Parte do revestimento das paredes da grande sala celestial é em madeira laqueada de branco, formando arcos. A cozinha, banheiros e lavanderia são azulejados, e o piso coberto com granito polido.

A fim de garantir uma temperatura agradável, cada sala tem seu próprio termostato. Cada um deles aciona o suprimento de ar frio ou quente, através de resistores instalados nos dutos de ar condicionado. Antes de deixar os cinco condicionadores de ar, o ar é filtrado e purificado.

Os materiais acústicos encontrados na maioria dos tetos contribui para o ambiente tranqüilo, eliminando muito do barulho que pode vir de fora.

A maior parte da iluminação é artificial. A sala celestial é iluminada por um grande lustre central, feito nos Estados Unidos com cristal da Checoslováquia. Tem 2,5 metros de altura e está suspenso em um cabo de aço móvel, a fim de facilitar sua limpeza. Um gerador de emergência ligará as luzes de segurança, a fim de indicar a saída às pessoas que se encontram no interior do edifício, no caso de falta de energia elétrica.

As grades e portas externas são feitas de alumínio fundido, o qual passou por

A Sala Celestial do Templo de São Paulo







Uma Sala de Casamentos e Selamentos do Templo de São Paulo

um processo de anodização que lhe deu a cor de bronze escuro. Janelas de vidros fumê também contribuem para a decoração deste edifício de 1858 metros quadrados.

O acabamento externo do templo é feito em placas fundidas — uma mistura de pedriscos de mármore e cimento branco, com uma aplicação final de silicone. O mármore tratado dessa maneira é mais resistente aos efeitos da poluição. Este trabalho foi supervisionado pelo Irmão Arlo M. Magleby, que veio de Lago Salgado especialmente por causa desse processo, o qual já havia sido usado nos templos de Los Angeles, Washington D.C., Idaho Falls e Oakland e alguns outros novos templos.

A altura total do templo é 31 metros, tendo a torre aproximadamente 13 metros. Esta torre foi executada em chapas de aço esmaltado a fogo, na cor dourada, recebendo depois aplicações de bronze fundido em forma de “V”.

O custo da construção do templo foi coberto pelos membros da Igreja em geral, por meio de dízimos e ofertas, e contribuições especiais feitas pelos membros da Igreja pertencentes ao Distrito do Templo.

O arquiteto Emil Fetzer fez o seguinte comentário: “Seria possível construir o templo sem quaisquer doações locais, mas isto seria um erro, pois qualquer pessoa que faz um sacrifício pelo templo, sente que faz parte dele, então demonstrará um interesse direto por ele. O Presidente Kimball disse que não é certo que um templo seja construído sem sacrifício. Não há problema se qualquer outro tipo de edifício for feito sem sacrifício, mas um templo é uma estrutura que precisa ser edificada pelo sacrifício do povo, para que possam ter amor por ele. O sacrifício é a única maneira pela qual o templo pode ser uma bênção aos santos que o construíram.”

Muitos dos santos sul-americanos fize-



ram suas contribuições para a construção com grande esforço. Houve membros que ofereceram suas jóias, alianças, e até mesmo um dente de ouro, foi doado por um irmão menos privilegiado financeiramente.

Famílias inteiras reduziram seus orçamentos, suas despesas de alimentação. Alguns o fizeram como um sacrifício pessoal. Outros, em melhores condições financeiras, buscaram meios para tornar suas ofertas aceitáveis ao Senhor. Eles despediram suas empregadas domésticas, deixaram seus carros na garagem, utilizando-se de transportes coletivos a fim de economizar o dinheiro necessário para fazer de suas doações um sacrifício aceitável ao Senhor.

Os jovens economizaram suas mesadas, caminhando vários quilômetros até suas escolas, privando-se de sorvetes e outras guloseimas para também participar do sacrifício. Um missionário escreveu a sua família, pedindo que eles vendessem seu

único objeto de valor, um microscópio que fora sua grande paixão. O dinheiro da venda foi doado à construção do templo.

Após a dedicação, outros sacrifícios deverão ser feitos pelos membros do Distrito do Templo que residem em países e cidades distantes, e que desejam vir com sua família para realizar as ordenanças eternas. Contudo, sua recompensa será a de ter a oportunidade de entrar no templo, que eles também ajudaram a construir.

As pessoas que vêm ao templo vêm três fases da atividade: casamento realizado pela autoridade do sacerdócio, para durar além da morte, por toda a eternidade; batismo por imersão na água, em prol de ancestrais falecidos e de outras pessoas que não tiveram a oportunidade pessoal de serem devidamente batizados durante a vida; e os convênios do endowment, encorajando uma vida virtuosa; recebem ainda um curso de instrução sobre a jornada eterna do homem antes do nascimento, através da mortalidade, e após a morte.

Na conferência de área em São Paulo, em 1975, o Presidente Kimball sugeriu a importância do programa de construção de templos, que começou com o anúncio do templo de São Paulo. Ele disse: "Alguns dos profetas de anos passados disseram que haveria muitos e muitos templos no mundo. Há bilhões de pessoas que viveram na terra, a maioria delas jamais ouviu o evangelho verdadeiro, e nunca tomou conhecimento do programa do templo... Todo o mundo ficará feliz ao saber que chegou o dia no qual um templo poderá ser construído neste país."

Desde então, o Presidente Kimball anunciou planos de construir novos templos no Japão, México, Samoa Americana e Estados Unidos.

Os Santos da América do Sul aguardam ansiosamente o término da construção para poderem receber suas ordenanças; bênçãos de valor incomparável.

A Presidência do Templo de São Paulo

Presidente Finn B. Paulsen

O Templo de São Paulo, Brasil, já tem sua presidência designada. O irmão Finn B. Paulsen é o presidente e José Benjamin Puerta, o primeiro conselheiro e Angel Fernandes, o segundo conselheiro.

O irmão Paulsen é de Springfield, Idaho, filho de pais noruegueses convertidos ao evangelho, tem 57 anos e é bem conhecido entre os santos brasileiros. Em 1941 esteve no Brasil como missionário, voltou em 1961, casado com Sara Paulsen e pai de cinco filhos: quatro meninas e um

menino que mais tarde também serviu como missionário neste país.

Em 1967, serviu novamente como Representante Regional dos Doze até 1974, portanto está bem familiarizado com os líderes da igreja no Brasil. De 1974 até fevereiro deste ano o irmão Paulsen serviu a Igreja em seu próprio país e trabalhava na Junta Geral da AIM e em sua firma de engenharia civil, quando o presidente Kimball o chamou para ocupar a presidência do Templo de São Paulo. Ele comenta:

Exterior do Templo de São Paulo



— O chamado foi em fevereiro. Num manhã, quando cheguei ao meu escritório, havia um recado do presidente Kimball para que eu fosse ao seu escritório acompanhado de minha esposa para uma entrevista. Não sabia do que se tratava, mas disse a minha esposa: “Deve ser alguma coisa muito importante, tenho certeza que vai modificar toda nossa vida.” Presidente Kimball conversou conosco mais de uma hora, interrogou-nos e orientou-nos sobre nossa responsabilidade diante da tarefa que acabava de nos confiar. Então começou a preparação intensiva por um ano em vários templos dos EUA, aprendemos sobre organização e administração de templos. Essa é uma tarefa trabalhosa que requer muitos detalhes, mas é uma bênção maravilhosa termos um templo na América do Sul. Isso prova que o Senhor ama muito este povo, o qual está maduro espiritualmente para receber essa dádiva. Oro para que todos sejam dignos de realizar seus convênios e perseverar neles até o fim.”

Irmã Sara Paulsen é a superintendente do templo. Ela tem sido uma grande colaboradora do marido e fiel serva do Senhor. Antes de atender a esse chamado ela servia como primeira conselheira da Junta Geral da Primária e comenta que esse foi um tempo maravilhoso e aprendeu muito com as irmãs dessa organização. Do seu chamado atual ela diz:

— “Tenho certeza de que esse será um tempo de muito trabalho, pois tudo está em fase de organização e é a primeira vez que somos chamados para um trabalho de tanta responsabilidade. Mas estou pronta a atender com dedicação e servir junto aos membros sul-americanos com o mesmo entusiasmo que servi na Primária. Essa é uma designação do Senhor, é em São Paulo que ele nos quer servindo. Temos certeza de que ele cuidará de tudo que deixamos para trás; é para esse templo que devem estar voltadas nossas preocupações. Nossos cinco filhos já estão casados, com sua vida bem organizada e nossos netos muito bem cui-

dados. Podemos dizer que sentimos uma grande paz em nossos corações e confiança em nossa missão, pois nosso caminho já está preparado.

Presidente José B. Puerta

Presidente José Benjamin Puerta, 54 anos, é um líder conhecido por muitos, através de seu trabalho como supervisor de tradução e colaborador da A Liahona entrevistando nossas autoridades, fazendo reportagens e conferências. Ele é o atual Gerente do Departamento de Tradução e Distribuição e Presidente da Estaca São Paulo Oeste, função da qual foi desobrigado em 04 de junho, para dedicar-se somente ao chamado do Templo que requer dedicação integral.

Presidente Puerta foi convertido ao evangelho junto com sua família em dezembro de 1964. Cinco meses depois foi ordenado Élder e chamado em seguida para presidir um dos ramos do Bosque, que estava sendo dividido em Bosque I e Bosque II. Nessa ocasião só existia a Missão Brasileira.

O presidente Puerta é casado com a irmã Diva E. Puerta, tendo-se selado a ela para a eternidade em outubro de 1971, no Templo de Salt Lake. O casal tem 2 filhos, Paulo Roberto e Sandra, e sete netos.

Tempos depois foi criada a estaca e ele foi chamado como membro do sumo conselho da Estaca São Paulo.

Em novembro de 1968, com a divisão da estaca, foi chamado para conselheiro da presidência da Estaca São Paulo Leste até 1971. A partir dessa data passou a presidir a estaca até sua divisão em 1973, quando foi criada a Estaca São Paulo Oeste, que ele presidiu até essa última desobrigação.

Sentado atrás da mesa de seu escritório, em meio aos papéis e aos telefonemas que lhe chegam a todo instante, ele faz o relato de seu chamado, como conselheiro da presidência do Templo de São Paulo. — “Foi a 2 de fevereiro, perto

do meio-dia, o telefone tocou em minha sala de trabalho e a telefonista me disse que era uma ligação de Salt Lake. Receber ligações de Salt Lake para instruções faz parte da rotina em nosso departamento, mas meu espanto foi quando alguém me anunciou que o presidente Kimball iria falar comigo. Antes de me recuperar da emoção, souo a voz do Presidente Kimball calma e rouca. Saudou-me amavelmente e foi direto ao assunto: — “Presidente Puerta você é digno? Ainda sem me refazer da emoção, senti novo estremecimento e vi passar pela mente toda minha vida. Então respondi que vinha empenhando todo meu esforço para manter-me no caminho reto, e cumprindo fielmente meus chamados. Aí veio a surpresa: “Presidente Puerta, você está sendo chamado como primeiro conselheiro do presidente do Templo de São Paulo.” — Sem tomar fôlego respondi que aceitava o chamado e ele me recomendou sigilo até a confirmação que só veio em 11 de março, publicada no Church News. Quando coloquei o telefone no gancho, percebi que minha vida a partir desse instante estava totalmente mudada.”

“Todos os chamados são importantes, mas trabalhar no Templo tem um caráter todo especial. Os cargos eclesiásticos são de muita responsabilidade, envolvem parte espiritual e administrativa, mas o Templo é diferente porque envolve quase que totalmente a parte espiritual.

“Enfim, só posso dizer que é uma grande bênção poder servir nessa função. Relembrarei diariamente da minha primeira passagem pelo Templo. Foi uma experiência inesquecível; a gente se desprende do mundo durante as horas em que ali permanece. A quietude, as vestes brancas, dão-nos a impressão de estarmos vivendo na presença de Deus.” Para isso tenho que estar livre de todas as minhas funções profissionais e cargos eclesiásticos, com exceção de mestre familiar, pois tenho que dedicar meu tempo integralmente nessa obra, durante o período que durar o chamado do Presidente Paulsen.

Presidente Angel Miguel Fernandes

Presidente Angel Miguel Fernandes, 53 anos, nasceu a 2 de novembro de 1924 em Buenos Aires, descendente de espanhóis, membro da Igreja há 17 anos. É casado com Alcira Jorgelina Fernandes que tem sido uma esposa dedicada e companheira de todas as horas e muito o tem ajudado no cumprimento de seus deveres para com o Senhor.

O casal foi selado no Templo de Los Angeles em 28 de março de 1976. Desde que foi batizado o Presidente Fernandes tem atendido a todos os chamados na Igreja. Começou como recepcionista, foi conselheiro da Escola Dominical, Presidente de Ramo, Presidente de Distrito, Conselheiro de quatro Presidentes de Missão e Presidente da Missão Argentina Rosário até junho de 1978.

Assim que foram desobrigados deste último chamado, Presidente Fernandes e Irmã Alcira retornaram a Cordoba, cidade onde residem, para se prepararem e partirem para São Paulo onde vão residir pelo período de 3 a 5 anos, conforme o chamado do Presidente Paulsen.

Antes do chamado para presidir a missão, Presidente Fernandes residia em Cordoba e exercia a profissão de executivo de uma companhia aérea argentina.

Ao partirem para São Paulo, mais uma vez Presidente Fernandes e Irmã Alcira despediram-se amorosamente de seus quatro filhos Maria Alcira de 31 anos, Eduardo 29, Miguel Angel 27 e Carmem de 25, quatro netos, noras e genros. Partiram saudosos, mas confiantes que em breve se encontrarão novamente e que o Senhor os guardará.

De lá de Rosário, província de Santa Fé, ele declarou: — “Considero este chamado uma oportunidade de progresso que me dá o Senhor. Sinto-me muito humilde e tenho um forte desejo de servir meus irmãos e apoiar meu presidente a fim de atingir os propósitos celestiais do templo. Irmã Fernandes e eu estamos ansiosos por trabalhar no Templo de São Paulo e conhecer este grande país que é o Brasil.”

A Finalidade Desses Templos

Elder Gordon B. Hinckley

Terá existido porventura um homem que, em momentos de tranqüila introspecção não haja ponderado os sole-nes mistérios da vida? E não se terá perguntado: “De onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou? Qual a minha relação com meu Criador? A morte me roubará as preciosas ligações desta vida? E quanto à minha mulher e filhos? Haverá outra existência após esta e, se houver, havemos de nos reconhecer?”

As respostas para estas questões não são encontradas na sabedoria dos homens, mas unicamente na palavra revelada de

Deus. Os templos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são edifícios sagrados, nos quais estas e outras questões eternas são respondidas. Todos eles são dedicados como uma casa do Senhor, um lugar de santidade e paz, isolado do mundo, onde são ensinadas verdades e executadas ordenanças que dão conhecimento de coisas eternas e motivam o participante a viver com a compreensão de sua herança divina como filho de Deus e com a percepção de seu potencial como um ser eterno.

O imponente templo recentemente con-

Sala Celestial do Templo de Lago Salgado



cluído na periferia de Washington D.C., é o décimo sexto desses edifícios operados pela Igreja. Eles diferem das milhares de casas de culto da Igreja espalhadas pela terra; são diferentes em propósito e função de todos os demais edifícios religiosos. Não é o tamanho, nem a beleza arquitetônica, que os faz assim. É a obra realizada no seu interior.

Além do Templo de Washington, são encontrados outros templos SUD na parte ocidental dos Estados Unidos e no Havai, Canadá, Nova Zelândia, Inglaterra e Suíça. Dois edifícios semelhantes construídos nos primórdios da Igreja, sendo abandonados quando os santos dos últimos dias foram sendo expulsos de um lugar para outro pelo cruel fanatismo de uma época menos tolerante.

A destinação de certos edifícios para ordenanças especiais, distintos dos locais de culto comum, não é novidade. Essa era a prática na antiga Israel, onde o

povo prestava culto regularmente nas sinagogas. Seu lugar mais sagrado foi, primeiro, o tabernáculo do deserto com seu Santo dos Santos, e depois uma sucessão de templos nos quais se realizavam ordenanças especiais, a que eram admitidos como participantes somente os que satisfizessem às qualificações requeridas.

O mesmo se dá hoje. Antes da dedicação de um templo, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias convida o público a visitar o prédio e inspecionar suas várias instalações. Mas, quando dedicado, passa a ser a casa do Senhor, revestido de uma atmosfera tão sagrada que somente membros da Igreja em plena comunhão são nele admitidos. Não é questão de segredo, e sim de santidade.

Os trabalhos realizados nesses templos mostram os eternos propósitos de Deus com referência ao homem, filho e criação da Divindade. Em sua maior parte, dizem respeito à família, sendo cada um

Escada em caracol do Templo de Lago Salgado



de nós membro da família eterna de Deus, e igualmente membro de uma família terrena. Estão ligados à santidade e natureza eterna do convênio do casamento e do relacionamento familiar.

Afirmam que todo homem e mulher, nascidos no mundo, são filhos de Deus, dotados com algo de sua natureza divina. A repetição destes ensinamentos básicos e fundamentais exerce um efeito salutar sobre aqueles que os recebem, pois quando a doutrina é enunciada numa linguagem ao mesmo tempo bela e impressiva, o participante compreende que, se todo homem é filho do Pai Celeste, então é também membro de uma família divina, e conseqüentemente todos os homens são seus irmãos.

Quando inquirido pelo escriba: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?", o Salvador respondeu: "Amarás... ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu

entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento.

"E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo..." (Marcos 12:28,30-31)

Os ensinamentos apresentados nos tempos modernos dão vigorosa ênfase a este conceito sumamente fundamental do dever do homem para com seu Criador e com seu irmão. Ordenanças sagradas ampliam esta filosofia nobilitante da família de Deus. Ensinam que o espírito dentro de nós é eterno, em contraste com o corpo que é mortal. Não apenas esclarecem estas grandes verdades, mas também motivam o participante a amar a Deus, e o incentivam a demonstrar maior cordialidade aos demais filhos de nosso Pai.

Aceitando-se a premissa de que o homem é filho de Deus, então existe um propósito divino na vida mortal. Aqui, novamente, a verdade revelada é ensinada na casa do Senhor. A vida terrena é

Sala do Jardim no Templo de Idaho



uma etapa da jornada eterna. Antes de irmos para cá, vivíamos como filhos espirituais. As Escrituras testificam isto, como por exemplo, quando o Senhor diz a Jeremias: "Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta." (Jer. 1:5)

Ingressamos nesta vida como filhos de pais mortais e membros de uma família. Os pais são parceiros de Deus na realização de seus propósitos eternos com referência a seus filhos. A família, portanto, é instituição divina, a mais importante de todas, tanto na mortalidade quanto na vida eterna.

Grande parte do trabalho dentro dos templos é concernente à família.

Exatamente como existíamos, como filhos de Deus, antes de irmos para este mundo, assim também continuaremos a viver depois da morte. Os preciosos e agradáveis relacionamentos da mortalidade, dos quais os mais belos e significativos encontram-se na família, podem continuar no mundo vindouro. Este fato é fundamental para se entender o propósito dos templos. Os noivos que vão à casa do Senhor e participam de suas bênçãos são unidos matrimonialmente não só pelo período de sua vida mortal, mas para toda a eternidade. São casados não só pela lei do país, até que a morte os separe, mas também o Sacerdócio eterno de Deus liga nos céus o que é ligado na terra. O par assim casado tem a garantia, recebida por revelação divina, de que seu vínculo e o de seus filhos não terminará com a morte, mas prosseguirá na eternidade desde que se prove merecedor dessa bênção.

Terá havido algum homem que tivesse amor sincero por sua mulher, ou uma mulher que realmente amasse um homem, sem rogar para que seu relacionamento pudesse perdurar além do túmulo? Alguma vez já foi sepultada uma criança, cujos pais não ansiassem pela certeza de que aquele seu ente querido voltaria a pertencer-lhes no mundo vindouro?

Pode alguém, que acredita na vida eterna, crer que o Deus dos céus negaria aos seus filhos este mais precioso atributo da vida, o amor, que encontra sua mais significativa expressão no relacionamento familiar? Não, a razão exige que o relacionamento familiar continue após a morte. O coração humano anseia por isto. O Deus dos céus revelou um meio pelo qual isso pode ser conseguido. As ordenanças sagradas da Casa do Senhor no-lo asseguram.

Mas tudo isso pareceria realmente egoísta, se as bênçãos dessas ordenanças fossem disponíveis somente àqueles que já são membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O fato é que a oportunidade de entrar num templo e participar de suas bênçãos é oferecida a todos os que aceitarem o Evangelho e se batizarem na Igreja. Por esta razão, a Igreja promove extenso programa missionário numa grande parte do mundo, e continuará a expandi-lo na medida do possível, pois, por revelação divina, tem o encargo de pregar o Evangelho a 'toda nação, tribo, língua e povo'.

Mas existem incontáveis milhões que viveram na terra sem nunca terem tido oportunidade de ouvir o Evangelho. Aca-so ser-lhes-ão negadas as bênçãos oferecidas nos templos da Igreja?

Através de representantes vivos, que agem em favor dos mortos, estes têm acesso às mesmas ordenanças. No mundo espiritual, eles têm liberdade de aceitar ou não essas ordenanças terrenas realizadas por eles, incluindo batismo, casamento e selamento de relações familiares. Na obra do Senhor, não pode haver compulsão, mas deve haver oportunidade.

Essa obra vicária constitui um trabalho de amor sem precedentes, por parte dos vivos em favor dos mortos. Encontrar e identificar os que se foram antes de nós, exige um vasto empreendimento de pesquisa genealógica. Para auxiliar tal pesquisa, a Igreja coordena um programa genealógico e oferece facilidades de pesquisa inigualáveis no mundo inteiro. Seus

arquivos estão abertos ao público e têm sido usados por muitos não-membros da Igreja, para traçarem sua ascendência. O programa é freqüentemente elogiado por genealogistas internacionais, sendo utilizado por várias nações para salvaguardar seus próprios registros. Porém, seu propósito primordial é facultar aos membros da Igreja os recursos necessários para a identificação de seus antepassados falecidos, a fim de que possam estender-lhes as bênçãos que eles próprios usufruem. Eles, na verdade, dizem a si mesmos: "Se eu amo minha mulher e filhos, a ponto de querê-los para toda a eternidade, então não é justo que meu avô e bisavô, e outros antepassados, tenham a oportunidade de gozar das mesmas bênçãos eternas?"

E assim, estes edifícios sagrados são palco de enorme atividade, realizada silenciosa e reverentemente. Trazem-nos à lembrança uma parte da visão em que João, o Revelador, registra esta pergunta e resposta"... Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram?

"...Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro.

"Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo..." (Apoc. 7:13-15)

Os que vêm às casas sagradas, vestem-se de branco para participar dos trabalhos. Podem entrar somente com recomendação da respectiva autoridade eclesiástica local, a qual se certificou de sua dignidade. Espera-se que cheguem limpos de pensamento, limpos de corpo, e de vestidos limpos para entrarem no templo de Deus. Ao entrarem, espera-se que deixem o mundo lá fora e se concentrem nas coisas de Deus.

Este exercício em si, se é que podemos chamá-lo assim, traz sua própria recompensa. Quem, nestes tempos agitados, não receberia com prazer uma oportunidade

ocasional de desligar-se do mundo, entrando na casa do Senhor, para ali ponderar tranqüilamente as coisas eternas de Deus? Estes recintos sagrados oferecem a oportunidade não encontrada em qualquer outro lugar, de se aprender e refletir sobre as coisas da vida realmente importantes. Estas incluem nosso relacionamento com a Divindade e nossa jornada eterna desde o estado preexistente, passando por esta vida e prosseguindo para um estado futuro, em que nos conheceremos e nos associaremos uns com os outros. Nós também conviveremos com nossos entes queridos e antepassados que nos precederam, e dos quais herdamos o que se refere ao corpo, intelecto e espírito.

Esses templos são, indubitavelmente, únicos entre todos os edifícios. São casas de ensino. São lugares de convênios e promessas. Em seus altares, ajoelhamo-nos perante Deus, nosso Criador, e são-nos prometidas suas bênçãos infinitas. Na santidade desses ambientes, comungamos com ele e refletimos sobre seu Filho, nosso Salvador e Redentor o Senhor Jesus Cristo. Ele serviu como representante de cada um de nós no sacrifício vicário em nosso favor. Ali pomos de lado nosso egocentrismo e servimos por aqueles que não podem fazê-lo por si. Ali somos unidos nos mais sagrados de todos os vínculos humanos — como marido e mulher, como filhos e pais, como família sob um selamento que o tempo não consegue destruir e a morte não pode interromper.

Tais edifícios sagrados foram construídos mesmo durante os anos negros em que os santos eram incessantemente perseguidos e expulsos. Têm sido erguidos e mantidos em tempos de pobreza e prosperidade. São o resultado da fé vital do número sempre crescente daqueles que prestam testemunho do Deus vivo, do Senhor ressurreto, de profetas e revelação divina, e da paz e certeza de bênçãos eternas encontradas unicamente na Casa do Senhor.

Templos e Casamento para a Eternidade

Presidente Spencer W. Kimball

A vida é eterna. A morte não extingue a existência humana. O homem continua vivendo e seja bom ou mau, será ressuscitado. Seu espírito voltará a unir-se ao corpo sepulto e, se ele tiver aperfeiçoado sua vida e magnificado as oportunidades dadas por Deus, este espírito e corpo serão unidos numa nova imortalidade sem fim.

As sublimes alegrias da genuína vida matrimonial podem continuar. Os mais belos vínculos entre pais e filhos podem tornar-se permanentes. A sagrada associação de famílias poderá ser infinita, se marido e mulher houverem sido selados

nos sagrados laços do matrimônio eterno. Sua felicidade e progresso jamais terão fim, mas isto jamais acontecerá automaticamente.

O caminho está bem definido e claro. O casamento para a eternidade era conhecido de Adão e outros profetas, mas esse conhecimento foi perdido e continuou ausente da terra por muitos séculos. Deus restaurou as verdades e providenciou os meios. Com a restauração do Evangelho, veio igualmente o Sacerdócio genuíno, e Deus concedeu ao seu profeta todas as chaves, poderes e autoridades possuídas

Sala Celestial do Templo de Ogden (Utah)



Uma Sala de Casamento e Selamento do Templo de Washington (Washington D.C.)

por Adão, Abraão, Moisés e os apóstolos primitivos.

Deus restaurou o conhecimento acerca dos templos e do seu propósito. Hoje em dia, existem na terra edifícios sagrados construídos para esta obra especial do Senhor, e cada um deles é a "Casa do Senhor". Nesses templos, trabalham homens investidos da devida autoridade para selarem cônjuges e filhos para toda a eternidade. Isso é um fato, ainda que desconhecido de muita gente.

Este é um dos mistérios mencionados pelo Redentor que, ensinando a multidão por meio de parábolas, dizia: "...Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo." (Mat. 13:35.)

Essas verdades inestimáveis não são entendidas pelo leitor casual das Escrituras:

"Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do ho-

mem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.

"Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." (I Cor. 2:11,14)

É inconcebível que pessoas, sob outros aspectos diligentes, astutas e altamente instruídas, ignorem ou desdenhem voluntariamente esse grande privilégio. As portas podem ser destravadas. A brecha pode ser transposta. E o homem pode seguir seguro e garantido para a felicidade sem fim, tornando seu casamento eterno.

Explicando o uso de parábolas, diz o Salvador:

"...Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado;

Escada em caracol do Templo de Manti



Teto do Templo de Logan (Utah)



Portas interiores do Templo de Saint George (Utah)

“Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos, para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e ou os cure.” (Mat. 13:11,15.)

E a seguir, dirigindo-se aos discípulos que estavam perto e o compreendiam, disse:

“Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem.

“Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram.” (Mat. 13: 16-17.)

O Senhor sabia que aqueles que são sinceros e realmente querem conhecer os mistérios do reino, buscariam e pesquisariam piedosamente até se instruírem por si.

É bem conhecida a resposta do Senhor aos hipócritas saduceus que, procurando fazê-lo trair-se, lhe propuseram este difícil problema:

O marido morreu sem deixar posteridade, e a mulher casou-se com um cunhado que também não deixou semente. Ela, por sua vez, desposou um terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo irmão, tudo de acordo com a lei de Moisés; depois a mulher dos sete maridos também morreu. Agora, eis a questão:

“Na ressurreição pois, quando ressuscitarem, de qual destes será a mulher? Porque os sete a tiveram por mulher. (Marcos 12:23.) A resposta do Redentor foi clara, concisa e irrefutável:

“Porventura não errais vós em razão de não saberdes as Escrituras nem o poder de Deus?” (Marcos 12:24.)

E agora, perguntamos nós, o que significa isto? Os saduceus estavam discutindo assuntos dos quais tinham pouco ou nenhum conhecimento. A voz de Jesus era, acaso, acusadora? Estaria ele dizendo

aos saduceus: “Abri vossos olhos cegos e vede? Abri vossos corações empedernidos e compreendei?”

Amigos, entendem as implicações e a verdade dessa afirmativa do Senhor? Embora um tanto velada nas Escrituras, ela se torna clara e compreensível, quando apoiada na revelação moderna.

Diz o Dr. James E. Talmage: “O que o Senhor queria dizer era claro: que na situação de ressurretos, não poderia haver dúvida entre os sete irmãos, quanto a quem pertencia a mulher para a eternidade, uma vez que todos, com exceção do primeiro, haviam-se casado com ela pelo tempo de duração de suas vidas mortais somente... Na ressurreição, não haverá casar-se nem ser dado em casamento; pois que todas as questões de situação matrimonial devem ser resolvidas antes daquela ocasião, sob a autoridade do Santo Sacerdócio, que tem o poder de selar em casamento, tanto para o tempo quanto para a eternidade.” (*Jesus, o Cristo*, p. 530.)

Indubitavelmente, o primeiro marido desposou a mulher para a eternidade, em cerimônia não limitada pelo tempo. A mulher tornou-se viúva pela morte dele até que ela própria viesse a morrer também e reunir-se novamente ao esposo. Agora, ela casou-se com o irmão número dois, “até que a morte os separe” e decididamente foram separados antes mesmo que houvesse posteridade; ele seguiu para o mundo espiritual atravessando o véu sem esposa alguma, pois o contrato de ambos terminara com a morte. E os irmãos número três, quatro, cinco, seis e sete, por sua vez — todos a desposaram em casamento temporário, em cerimônias em que havia a limitação: “enquanto ambos viverem”. E a morte pôs fim à eventual felicidade que tiveram, e a qualquer promessa de futura bem-aventurança.

Que triste! Que melancólico!

Conheci um jovem par, cujo casamento promissor terminou com um acidente automobilístico uma hora depois da cerimô-

nia, que incluiu estas perigosas palavras: "até que a morte vos separe".

O casamento civil é um contrato terreno que chega ao fim com a morte de uma das partes. O casamento para a eternidade é um sagrado convênio entre homem e mulher, consagrado no santo templo, por servos de Deus que possuem as chaves da autoridade. Ele ultrapassa a morte, abrangendo tanto o tempo como a eternidade.

O Apóstolo Paulo dizia aos coríntios:

"Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens." (1 Cor. 15:19) E nós poderíamos parafraseá-lo assim:

"Se só nesta vida nosso casamento é firme, nossa bem-aventurança marital é verdadeira e nossa vida familiar é feliz, somos os mais miseráveis de todos os homens."

Paulo continua: "Há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres.

"Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória doutra estrela.

"Assim também a ressurreição dos mortos..." (1 Cor. 15:40-42.)

Paulo compreendia, como certamente muitos outros santos; porém, milhões de cristãos de hoje não entendem estas verdades vitais, que foram veladas na linguagem alegórica das parábolas. O céu não é um único lugar ou condição. É tão diversificado quanto são diferentes os padrões comportamentais dos homens, pois o homem será julgado "de acordo com suas obras na carne".

Nas revelações modernas, diz o Senhor:

"Portanto, prepara o teu coração para receber e obedecer às instruções que estou prestes a te dar; pois todos a quem esta lei é revelada devem obedecer a ela.

"Pois eis que eu te revelo um novo e eterno convênio..."
(D&C 132:3-4)

Embora relativamente pouca gente no mundo o saiba, o novo e eterno convênio é a ordenança do casamento, realizada no templo santo, por líderes devidamente constituídos e que possuem as genuínas chaves da autoridade. Esta gloriosa bênção está ao dispor de homens e mulheres neste mundo. O profundo propósito subjacente é esclarecido pelo próprio Redentor:

"E, no que diz respeito ao novo e eterno convênio, foi instituído para a plenitude de minha glória; e aquele que recebe de sua plenitude guardará a lei, ou será condenado, diz o Senhor Deus." (D&C 132:6.)

Paulo falou de regiões celestes, terrestres e telestes, para as quais as pessoas são designadas de acordo com sua retidão e cumprimento das leis eternas. Até mesmo o reino celeste tem três céus ou graus. Continuamos citando as palavras do Senhor:

"E para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar nesta ordem do Sacerdócio [significando o novo e eterno convênio do casamento];

"E, se não, não poderá obtê-lo.

"Poderá entrar no outro, mas esse será o fim do seu reino; ele não poderá ter progênie." (D&C 131:2-4.)

O Senhor esclarece mais sobre o casamento eterno:

"... Todos os convênios, contratos, laços, obrigações, votos, promessas, realizações, conexões, associações ou expectativas que não forem feitos e selados pelo Santo Espírito da promessa, e por meio daquele que é ungido, tanto para esta vida como para toda a eternidade... não terão eficácia, virtude ou vigor algum na ressurreição dos mortos; nem depois dela, pois todos os contratos que não forem realizados com esse propósito, têm fim

quando os homens morrem.” (D&C 132:7.)

Portanto, os casamentos celebrados unicamente para “enquanto ambos viverem”, ou “até que a morte os separe”, terminam tristemente, quando se exala o último suspiro mortal.

O Senhor é misericordioso; porém, a misericórdia não pode roubar a justiça. Sua misericórdia foi-nos oferecida, quando morreu por nós; sua justiça prevalece, quando nos julga e nos concede as bênçãos que realmente merecemos.

“...a ninguém é permitido rejeitar este convênio e entrar na minha glória”, diz o Senhor.

“Pois todos os que receberem uma bênção de minhas mãos obedecerão à lei e às condições que, desde antes da fundação do mundo, foram instituídas para o recebimento daquelas bênçãos.” (D&C 132:4-5.)

O casamento civil pode ser celebrado por qualquer dos numerosos indivíduos aprovados pelas leis do respectivo país, mas o casamento eterno tem de ser solenizado por um dos poucos devidamente autorizados. Cristo diz:

“Aceitarei eu, diz o Senhor, uma oferta que não seja feita em meu nome?”

“Ou receberei eu de tuas mãos aquilo que não designei?” (D&C 132:9-10.)

É o Redentor quem afirma:

“Portanto, se um homem tomar para si uma esposa no mundo, e não for casado por mim nem por minha palavra, e se comprometerem por esta vida, ele com ela e ela com ele, o seu convênio e casamento não será válido quando morrerem, e quando estiverem fora do mundo; portanto, não estarão ligados por lei alguma, quando não estiverem neste mundo.” (D&C 132:15.)

“Eu sou o Senhor teu Deus; e te dou este mandamento — Ninguém virá ao Pai senão por mim ou pela minha palavra, a

qual é a minha lei, diz o Senhor.” (D&C 132:12)

A seguir, reitera que “...tudo o que existe neste mundo quer seja ordenado por homens, por tronos, quer por principados, poderes, ou coisas de renome, seja o que for, que não forem por mim ou pela minha palavra, diz o Senhor, serão derribados, e não permanecerão depois que os homens morrerem, nem na ressurreição nem depois dela, diz o Senhor teu Deus.” (DHC 6:318-20.)

Como isto é terminante! Como é assustador! Uma vez sabendo que a morte terrena não extingue nossa existência, que continuaremos vivendo para todo o sempre, quão devastador não é reconhecermos que o casamento e a vida familiar, tão doce e feliz em muitos lares, terminará com a morte, porque deixamos de seguir as instruções de Deus, ou porque rejeitamos a sua palavra depois de a termos entendido.

O pronunciamento do Senhor deixa claro que os homens e mulheres justos receberão as devidas recompensas por suas obras. Não serão condenados no sentido comumente aceito, mas sofrerão muitas limitações e carências, e deixarão de atingir o céu mais elevado, se não obedecerem. Tornar-se-ão servos ministradores daqueles que cumpriram todas as leis e viveram todos os mandamentos.

Ele então prossegue, referindo-se àqueles excelentes pessoas que viveram dignamente, mas que falharam em solenizar seus contratos:

Nas páginas seguintes aparecem fotografias do Templo que a Igreja tem construído desde sua organização em 1830, dos que estão sendo construídos e daqueles que estão planejados para construção. A Igreja já não possui os dois primeiros que construiu: os Templos de Nauvoo e Kirtland

“Pois estes anjos não guardaram a minha lei; portanto, não podem progredir, mas permanecem separados e solteiros, sem exaltação no seu estado de salvação por toda a eternidade; e portanto, não são deuses, mas anjos de Deus para todo o sempre.” (D&C 132:17.)

Quão conclusivo! Quão demarcado! Quão restritivo! E mais uma vez, damos conta de que este tempo, esta vida, esta mortalidade é o tempo de nos prepararmos para o encontro com Deus. (Alma 34:32.) Quão solitária e árida não será a assim chamada bem-aventurança isolada, por toda a eternidade! Quão triste ver-se separado, só, e isolado durante eras incontáveis, quando se poderia, preenchendo os requisitos, ter tido um casamento feliz para a eternidade, celebrado no templo, pela devida autoridade, e continuar avançando em crescente alegria e felicidade, desenvolvendo o progresso no rumo da divindade.

Ouçam mais uma vez o Senhor:

“Na verdade, na verdade te digo, a não ser que guardes a minha lei, não obterás esta glória.

“Pois estreita é a porta e apertado o caminho que leva à exaltação e à continuação das vidas, e poucos há que o encontram, porque no mundo não me recebeis nem me achareis.

Mas, se me aceitardes no mundo, então me conhecereis e recebereis a vossa exaltação; para que onde eu estiver, estejais vós também.

“Isto é vidas eternas — Conhecer o único sábio e verdadeiro Deus, e Jesus Cristo, a quem ele enviou. Eu sou ele. Recebei vós, portanto, a minha lei.

“Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz às mortes; e muitos há que entram por ela, porque não me recebem, nem guardam a minha lei.” (D&C 132:21-25.)

Templo de Kirtland (Ohio)



Templo de Nauvoo (Illinois)



Se a pessoa recebe o Senhor, há de crer nele, viver seus mandamentos e executar as ordenanças que exigiu.

Estareis vós acaso dispostos a comprometer vossas eternidades, vossa grande felicidade contínua, vosso privilégio de ver a Deus a habitar em sua presença? Por causa da falta de conhecimento, estudo e meditação; por causa de preconceitos, mal-entendidos ou falta de sabedoria, estareis dispostos a perder essas grandes bênçãos e privilégios? Estarei desejoso de fazer-vos viúvos para a eternidade, ou viúvas para todo o sempre — indivíduos sós, isolados, vivendo sozinhos e servindo os outros? Estareis inclinados a abrir mão de vossos filhos, quando morrerem, ou quando vós morrerdes, tornando-se órfãos? Estareis dispostos a viver sozinhos e solitários na eternidade, quando todas as maiores alegrias que já experimentastes na vida poderiam ser “acrescidas”, acentuadas, multiplicadas e

eternizadas? Estareis desejosos, como os saduceus, de ignorar e rejeitar essas grandes verdades? Rogo-vos sinceramente que pareis hoje para pesar e meditar e que depois prossigais piedosamente, para tornar eterno o vosso casamento. Amigos, por favor, não ignoreis este apelo. Eu vos peço, abri os olhos e vede; destapai os ouvidos e ouvi.

Um casamento para a eternidade, somado a uma vida digna e continuamente consagrada, vos trará ilimitada felicidade e exaltação.

Permiti-me concluir com as palavras do Senhor dos Exércitos:

“Aconselho-te que de mim, compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas.” (Apoc. 3:18.)

Templo de Saint George (Utah)



Templo de Logan (Utah)



Por Que os Mórmons Constroem Templos?

Mark E. Petersen

Alguma vez, ao visitar os templos erigidos por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou ao olhar suas fotografias, você sentiu a curiosidade de saber por que esses edifícios são construídos?

Esses templos são diferentes de todos os demais edifícios do mundo. Naturalmente belíssimas estruturas têm sido erigidas por outros povos e recebido o nome de templo, mas nenhuma delas tem o propósito nem as funções dos templos mórmons.

Por que os santos dos últimos dias os constroem? Como são usados? Para reu-

niões de culto ou para rituais? O que realmente acontece em seu interior? Por que os santos dos últimos dias investiram tanto tempo, esforço e dinheiro em tais projetos?

Por mais de um século, levaram avante esse trabalho. Começou na época de Joseph Smith, que erigiu dois desses edifícios e projetou mais dois, todos localizados no centro-oeste dos Estados Unidos.

Chegando ao oeste, os santos continuaram essa obra, e poucos anos mais tarde, completaram a construção de quatro templos em Utah. Depois edificaram outros em Idaho; Arizona; Los Angeles;

Templo de Manti (Utah)



Templo de Lago Salgado (Utah)



Alberta; Canadá; Havaí, Suíça; Inglaterra; Nova Zelândia; Oakland; Ogden e Provo.

Embora representem um investimento de muitos milhões de dólares, os membros da Igreja os têm construído nos bons e nos maus tempos, nas épocas de penúria e aflições, sempre agindo de conformidade com o espírito de adoração, pois estão obedecendo à vontade do Senhor. Os santos dos últimos dias declaram que, através do Profeta Joseph Smith, a plenitude do Evangelho do Senhor Jesus Cristo foi restaurada na terra. Esta "plenitude" significa perfeição. Todas as coisas pertinentes ao Evangelho na antiguidade foram dadas ao homem atual por meio dessa restauração.

Nos tempos bíblicos, as ordenanças sagradas para a salvação da antiga Israel eram administradas em edifícios consagrados. Essas construções não eram sinagogas nem outro local comum de culto, mas construídas especialmente para esse

propósito particular. Enquanto o povo errava pelo deserto, usava um tabernáculo portátil, chamado de "templo do Senhor" e foi ali que a mãe de Samuel orou. (I Sam. 1:9.) Quando se estabeleceram e conseguiram um governo permanente, construíram em Jerusalém um templo glorioso para substituir o primeiro.

À semelhança dos tempos bíblicos, o Senhor novamente nos proporcionou essas ordenanças para a salvação de todos os que crerem, e ordenou que fossem construídos templos onde esses ritos sagrados pudessem ser realizados.

Antigamente, para obter as bênçãos do Senhor, era necessário que a pessoa fizesse duas coisas:

(1) Viver a vida correta descrita nos mandamentos do Senhor, e

(2) Participar das ordenanças salvadoras administradas pelos servos do Senhor, realmente autorizados.

Ainda que algumas dessas ordenanças pudessem ser cumpridas em qualquer par-

Templo de Hawaii



Templo de Alberta (Canadá)



te, outras eram tão sagradas, que o Senhor exigia que fossem realizadas em edifício especialmente construído para tal fim, como a princípio, no tabernáculo ou templo e mais tarde no grande templo que o substituiu.

Ali o Sacerdócio ministrava os ritos solenes. Nem todos podiam entrar, apenas os comprovadamente dignos. Os que oficiassem sem autorização, sofriam a ira de Deus. As ordenanças sagradas nunca foram completamente conhecidas pelo mundo em geral; eram por demais sagradas, mas os escolhidos e fiéis participavam de toda solenidade.

Quando o Evangelho foi restaurado nestes últimos dias, através do Profeta Joseph Smith, também o foram a construção dos templos e ordenanças ali cumpridas. O Profeta ensinou aos santos dos últimos dias que poderiam obter a glória celestial no mundo eterno, mas somente através da "obediência à lei celestial e também à lei completa."

Falando ao povo, em 8 de abril de 1844, o Profeta Joseph Smith disse que as ordenanças no templo que lhes estava dando, eram tão importantes, que "sem elas não poderíamos obter os tronos celestiais. Mas tem que haver um lugar sagrado preparado para esse propósito." (D&C 6:318-20.)

Portanto, sem templos não seria possível proporcionar as bênçãos. E conseqüentemente, a solução seria os santos construírem templos, e isto foi o que o Senhor lhes ordenou.

Unidos, começaram a trabalhar, e o primeiro foi erigido em Kirtland, Ohio. Apesar de ter sido dedicado em 1836, ainda existe atualmente, mas não pertence mais à Igreja.

O templo de Kirtland foi apenas preparatório e lá muitos dos ritos sagrados foram revelados. Desde que tinha função apenas preparatória e que a maior parte das obras ficaram reservadas a outros templos, ele não foi edificado conforme

Templo de Mesa (Arizona)



Templo de Idaho Falls (Idaho)



o plano adotado nos edifícios posteriores. Não havia fonte batismal, por exemplo, nem ritos para casamentos e outras ordenanças importantes. Foi construído mais como local para reuniões de culto.

As perseguições forçaram os santos a deixar Kirtland, e o templo teve que ser abandonado. Fixaram-se no Condado de Jackson, no Missouri, e lá dedicaram o local para construção de um templo, mas as perseguições evitaram que fosse construído. Passaram-se para Far West, no mesmo Estado, perto de Independence, e chegaram a lançar a pedra fundamental de um terceiro templo, mas também ali a perseguição interferiu no trabalho.

Mudaram-se para Nauvoo, Illinois, ainda sob a direção do Profeta Joseph Smith, e lançaram a pedra fundamental do quarto templo, e desta vez conseguiram concluí-lo, a despeito da oposição de seus inimigos que martirizaram o Profeta e seu irmão, o Patriarca Hyrum.

Atravessando as planícies para Utah,

os santos dos últimos dias prosseguiram a construir templos com incansável fervor. Desejavam a salvação na presença de Deus. Compreendiam que as ordenanças no templo eram essenciais para essa salvação e, por isso, não mediam esforços para construir os edifícios onde pudessem obtê-las.

Mas, por que um templo seria tão essencial para a salvação do homem? Teria sido assim nos tempos antigos? Qual o papel que coubera ao templo de Jerusalém na vida religiosa da antiga Israel?

Sabemos com certeza que o templo de Jerusalém foi mais do que uma sinagoga, que era um lugar sagrado onde somente o Sacerdócio podia ministrar. É sabido que o seu "Santo dos Santos" era reservado aos mais fiéis. É fato conhecido que as ordenanças ali administradas não se relacionavam de forma alguma com o culto das sinagogas. Também se admite que ali não se permitia o ingresso de curiosos e não-iniciados.

Templo de Suíça



Templo de Los Angeles (Califórnia)



O templo de Jerusalém foi profanado por pessoas indignas que ali se instalaram para negociar na época de Jesus, como o relatam as Escrituras. Foram esses fatos que tanto indignaram o Salvador e o fizeram expulsá-los do templo, dizendo: “Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões.” (Mateus 21:13.)

Os templos edificadas nos últimos dias são igualmente sagrados e, por isso, também reservados apenas para os membros mais fiéis da Igreja.

Mas, o que acontece num templo? Naturalmente, tudo o que não seja público suscita curiosidade.

Quando concluídos, os templos são abertos à visitação pública, e milhares de pessoas já os visitaram e admiraram sua beleza. Depois que são dedicados e se iniciam as atividades usuais, não se permitem mais interrupções para visitas de grupos de turistas.

Ao percorrerem as salas, antes da dedicação dos templos, os visitantes recebem explicações sobre os trabalhos a que se destinam.

O ponto que mais chama a atenção é sempre a fonte batismal. Em todos os templos, essa fonte se apóia sobre o dorso de doze bois de bronze ou pedra, obedecendo ao modelo dado pelo Profeta Joseph Smith ao instituir a construção de templos em sua época, sob a diretriz do Senhor.

Por que existe uma fonte batismal nos templos? As pessoas não podem ser batizadas em qualquer lugar?

As pessoas vivas, sim. A fonte nos templos destina-se aos batismos vicários realizados em favor dos mortos.

Batismo pelos mortos? Isto faz parte da doutrina cristã?

Na epístola aos hebreus, o autor fala sobre os antepassados dos fiéis e depois declara, “para que eles sem nós não fosem aperfeiçoados” (Hebreus 11:40) de-

Templo de Nova Zelândia



Templo de Londres (Inglaterra)



mostrando que existe uma relação explícita entre a salvação dos vivos e dos mortos.

Muita gente acredita em alguma forma de obra vicária pelos mortos, e acende velas ou faz orações por eles.

Em seguida, explica os motivos dessa pregação: “Porque por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas, vivessem segundo Deus em espírito.” (Id. 4:6.)

Essas passagens notáveis esclarecem, pois, que:

(1) Jesus era um Personagem formado de carne e espírito como todos nós.

(2) Quando Jesus desceu ao reino dos mortos, continuava sendo ele mesmo, uma pessoa, o humilde “carpinteiro de Nazaré”, ainda que espírito despojado do corpo de carne e ossos que havia sido crucificado.

(3) Os mortos — mesmo os que morreram no dilúvio — também eram pes-

soas dotadas de inteligência, guardando sua individualidade, ainda que espíritos como Jesus.

(4) Esses mortos continuam na posse de sua razão e suas faculdades mentais, a ponto de poderem ouvir o Evangelho como os homens na carne, apesar de viverem num mundo de espíritos, e que viam e continuavam ativos e capazes de escolher entre aceitar ou rejeitar os ensinamentos de Cristo.

(5) Jesus ensinou-lhes o Evangelho, sua oportunidade de salvação.

(6) Tendo ouvido o Evangelho, puderam aceitar ou rejeitá-lo e assim serem “julgados conforme os homens na carne.” Se o aceitassem, podiam então “viver no espírito segundo Deus”, como as Escrituras indicaram.

Agora, quais são os requisitos exigidos pelo Evangelho para a salvação das pessoas vivas?

Têm que “viver segundo Deus” enquanto na carne, cumprindo tanto as leis

Templo de Oakland (Califórnia)



Templo de Ogden (Utah)



quanto as ordenanças incluindo por exemplo ordenanças tais como o batismo na água.

É o batismo necessário?

Jesus assim o considerava, e foi batizado a fim de cumprir toda a justiça.” (Mat. 3:15.) Será que os homens poderão fazer menos do que ele fez?

Os discípulos de Jesus batizaram mais gente do que João Batista. (João 4:1-2.) E foi Jesus quem ensinou: “Quem crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16), tornando o batismo tão essencial para a salvação como a fé. Poderemos ignorá-lo?

Se o batismo é tão essencial para os vivos, poderá ser menos essencial para os mortos? Ou supor, em sã consciência, que outro rito qualquer possa substituir o batismo como, por exemplo, acender velas ou fazer orações?

Mas de que forma os mortos poderão ser batizados? A história nos conta que os cristãos primitivos batizavam pessoas vivas em proveito dos mortos. Era uma

prática comum na época de Paulo. E ele se utilizou deste costume dos primitivos cristãos como evidência da ressurreição dos mortos. Aos que duvidaram da ressurreição, disse: “Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?” (I Cor. 15:29.)

Esta, então, é a verdadeira doutrina cristã para a salvação dos mortos. A mesma ordenança usada para a salvação dos vivos foi usada também para a dos mortos. Nada de novo foi introduzido. Deus não pediria uma coisa para os mortos e outra diferente para os vivos. Ele os tratava de modo igual e podia, portanto, julgar os mortos perfeitamente segundo os homens na carne, como disse Pedro, mesmo enquanto viviam no mundo espiritual.

Visto que o Evangelho fora pregado aos mortos, suas ordenanças também podem por eles ser obtidas.

Desde que o batismo requeria a imer-

Templo de Provo (Utah)



Templo de Washington (Washington, D.C.)



são na água para todos, sejam vivos ou mortos, e desde que não havia meio de batizar os mortos pessoalmente, os vivos eram batizados pelos mortos e em seu benefício.

Como parte da restauração do Evangelho nestes últimos dias, o Senhor revelou essa doutrina e prática ao Profeta Joseph Smith e ordenou-lhe que construísse templos nos quais esses ritos pudessem ser realizados.

Isto aconteceu na época em que os santos viviam em Nauvoo, Illinois. Obedecendo aos mandamentos do Senhor, prepararam-se para construir seu templo naquela cidade. Deram preferência à conclusão das partes inferiores do edifício, onde construíram sua primeira fonte batismal. Tencionavam erigir um belo recinto permanente para esses batismos vicários e mais tarde o realizaram. Mas, enquanto preparavam a estrutura permanente, ergueram uma temporária, de madeira, e nela realizaram essas ordenanças

sagradas pelos mortos sob a direção pessoal do Profeta Joseph Smith.

Assim foi instituída uma das mais importantes práticas santas e que fora ignorada e esquecida desde os dias de Pedro e Paulo, mas que era essencial e fundamental no plano de Deus para a salvação de seus filhos.

Sem ela, como poderia salvá-los? Todos foram feitos à sua semelhança e todos teriam que ser tratados com imparcialidade, todos teriam de cumprir as mesmas condições para serem salvos em sua presença.

O Salvador declarou pessoalmente que era o Deus tanto dos vivos quanto dos mortos, “porque para ele todos vivem (Lucas 20:38), mostrando que considera a todos sob o mesmo aspecto.

Assim, o batismo pelos mortos tornou-se uma prática geral nos tempos modernos, como o fora na antigüidade.

Contudo, além do trabalho batismal em benefício dos mortos, existem outras coisas de grande interesse nesses templos.

Templo de São Paulo (Brasil)



Templo de Seattle (Washington)



Um dos locais mais procurados é o que chamamos de sala de selamentos. Em geral, há cinco ou seis dessas salas em cada templo. Elas representam, de certo modo, o que alguns consideram como o mais básico dos princípios do Evangelho de Cristo.

Para maior entendimento dessa doutrina, queremos frisar primeiramente que a vida familiar é muito importante para os santos dos últimos dias. As famílias são consideradas como tendo importância eterna. Os cônjuges casam-se para a eternidade e não apenas até que a morte interrompa sua união.

Quando esses casais tiverem filhos, estes se tornam parte do círculo familiar que se projetará na vida eterna, além da morte e da ressurreição. Como indivíduos felizes e amorosos, levarão consigo para a imortalidade todas as virtudes e bênçãos de um bom lar, pois que a vida familiar se tornará parte da nossa existência celestial.

Os santos dos últimos dias crêem que o Senhor jamais quis que o casamento fosse um arranjo temporário apenas para a vida mortal. O casamento foi instituído antes da mortalidade. Ele continuará além da mortalidade, para as pessoas dignas que o tiverem solenizado com esse propósito pelo poder de Deus.

O primeiro matrimônio foi o de Adão e Eva. Realizou-se enquanto viviam no Jardim do Éden, quando não havia como agora há, nem mortalidade nem morte. Foi realizado pelo poder eterno de Deus sobre o qual a morte não poderá impor limitações.

Quando, mais tarde, Adão e Eva desobedeceram ao Senhor, sua transgressão provocou uma grande mudança em sua condição física, que permitiu a morte. Em outras palavras, tornaram-se mortais. Desde que seu casamento precedeu a morte e foi solenizado pelo poder de Deus, ele também sobreviveu a ela. Era uma união eterna.

Templo de Tóquio (Japão)



Templo de Samoa



Será que outras pessoas poderão ter o mesmo casamento eterno, como o foi o de Adão e Eva? Sim, caso a cerimônia seja realizada pelo poder ilimitado de Deus. Naturalmente os casamentos contraídos “até que a morte vos separe”, são uniões apenas temporárias e terminam com a morte. Compreende-se que as pessoas que efetuam os casamentos até que a morte separe o casal retêm a autoridade limitada somente a isso. Não têm poder para unir para a eternidade. Mas existe, entre os homens, um poder que pode unir os casais eternamente. Por certo vocês recordam que antes de sua ascensão, Jesus deu aos apóstolos o poder de, o que ligassem ou selassem na terra, seria ligado ou selado no céu. (Vide Mat. 16:19, 18:18; João 6:27, Rom. 15:28; 2 Cor. 1:22; Efe. 1:13; 4:30.)

Os apóstolos chegaram a exercer esses poderes? Tudo o que fizeram pela autoridade de seu Sacerdócio tem validade eterna. Por exemplo, mesmo que um homem fosse batizado, recebia uma bênção eterna. Ou será que alguém pode afirmar que

o batismo se refere apenas à mortalidade? O batismo não é essencial para nossa salvação na presença de Deus? E essa salvação não é assunto que pertence à eternidade?

Portanto, esses apóstolos divinamente autorizados e ordenados executavam ações aqui na terra válidas também nos céus. Isto significa que as ações por eles realizadas na terra, afetavam os indivíduos, não somente nesta vida, mas também no reino celestial de Deus, após sua morte.

Isto fazia parte do plano do Senhor; do contrário, por que teria dado aos apóstolos os poderes de ligar tanto no céu quanto na terra?

O significado desta questão é acentuado ainda mais, quando meditamos sobre o princípio do batismo vicário pelos mortos. Não devemos esquecer que Pedro disse que o Evangelho fora pregado aos mortos, a fim de que pudessem viver no mundo espiritual segundo Deus e fossem julgados segundo os vivos na carne.

O batismo pelos mortos foi providenciado como recurso para ajudar a fechar a lacuna entre “viver segundo Deus” no mundo espiritual e estar sujeito aos padrões estabelecidos para os homens carnis. Quanto à salvação, os vivos e os mortos foram colocados num mesmo plano, mas para que isto fosse possível, havia necessidade de um tipo de autoridade sacerdotal, reconhecido tanto nesta vida quanto na vida por vir. Daí a necessidade de revestir os apóstolos com esse poder de ligar ou selar em ambas as esferas.

Da mesma forma como esse princípio diz respeito ao batismo, também o faz quanto ao casamento. O casamento é ordenado por Deus. (Vide Gên. 1:28; 2:24-25; 9:1,7; 35:11; Hebr. 13:4.) O Todo-Poderoso em pessoa realizou o primeiro casamento como já dissemos, antes que existisse a condição da mortalidade. Foi ele que deu Eva a Adão e depois lhes ordenou que se multiplicassem e povoassem a terra.

Ao realizar esse primeiro casamento, é claro, o Senhor exerceu seus próprios poderes eternos, mas, posteriormente, con-

Templo de Jordan River (Utah)



cedeu a seus apóstolos ordenados uma parte desse poder, a fim de que pudessem executar atos que tivessem validade também eterna.

Admite-se que esse poder eterno torna os benefícios do batismo perpétuos. Haverá alguma razão pela qual o mesmo poder não possa dar validade eterna ao matrimônio instituído pela mesma entidade que instituiu também o batismo?

Deveria dar e dá. Os cônjuges podem ser ligados para o tempo e toda a eternidade pelo poder desse Sacerdócio, e da mesma forma os filhos são ligados aos pais para sempre. E assim as famílias podem ficar unidas eternamente. Os casais não precisam interromper sua ligação feliz com a morte. Nem os filhos necessitam de ficar órfãos para sempre.

Da mesma forma como o batismo os poderá levar à presença de Deus, assim essa ordenança de ligação ou selamento do casamento poderá preservá-los como unidade familiar.

Os céus poderiam ser perfeitos para qualquer um de nós, se fôssemos privados da presença de nossos amados, se os mais sagrados e afetivos laços da vida fossem rompidos?

Deus é amor. Ele preserva o amor. Nossas relações familiares fundam-se no amor. E ele, que estabeleceu tais laços, também os preservará em seu reino.

Por isso nossos templos contêm as chamadas salas de selamento, em que se realizam as ordenanças de ligamento ou selamento. Entre seus muros sagrados, o noivo e a noiva ajoelham-se junto ao altar e são selados ou unidos na ordem sagrada do matrimônio para toda a eternidade. Os pais que não tiverem sido selados antes do nascimento dos filhos, poderão trazê-los a essas salas, a fim de que a família possa ser selada para a eternidade pelos poderes do Santo Sacerdócio.

Mas, e as famílias que já não existem? Os cônjuges que já tiverem falecido, poderão ser unidos novamente, mesmo depois de uma morte destruiu seus laços matrimoniais? Os casamentos efetuados "até que a morte os separe" podem ser reno-

vados em alguma base eterna e perpétua? Os filhos mortos poderão de alguma forma ser restituídos aos pais, também já falecidos, para que as famílias sejam unidas novamente no além?

O poder que liga na terra e no céu vigora tanto nesta vida quanto na vida futura. Proporciona as ordenanças necessárias aos vivos e aos mortos. Como estende o poder expiatório do batismo aos que vivem "segundo Deus, no espírito", assim proporciona também a ordenança do selamento do matrimônio dos mortos, oficiando os vivos em proveito de seus bem amados falecidos.

Quem pode realizar essa obra vicária? Qualquer pessoa pode dela participar?

Repetimos, a casa do Senhor é uma casa de ordem. O Senhor não admite confusões. Para que haja perfeita ordem, foi ordenado que todo homem e mulher podem realizar essa obra de amor pelos próprios parentes já falecidos.

Mas, de que maneira? Responderemos, perguntando, quem poderá conhecer melhor as pessoas falecidas do que seus parentes consangüíneos? Quem estará mais ansioso por ajudá-los?

Mas, de que maneira podemos ajudá-los? Cada família preparando sua própria genealogia, providenciando a identificação necessária para realizar as ordenanças pelos mortos. As ordenanças realizadas adequadamente em favor de pessoas identificadas de modo correto, são aceitas pelo Senhor. Ele requer que toda essa obra seja cumprida numa casa especialmente construída para esse fim. Essas casas são chamadas templos.

Por que os santos dos últimos dias constroem templos? Para que ali possam receber essas bênçãos do selamento e realizar os batismos vicários de seus parentes e o selamento que lhes permitirá, conforme as palavras de Pedro, "viver segundo Deus no espírito" e ainda ser julgados segundo as oportunidades e padrões dos homens na carne.

Certa vez, abordando esse assunto, o Profeta Joseph Smith ensinou ao povo: "Entretanto, para isso, deve haver um

local especialmente construído para esse propósito e para que os homens sejam batizados por seus mortos; ... pois todo homem que desejar salvar seu pai, mãe, irmãos, irmãs e amigos, tem que cumprir todas as ordenanças para cada um deles, separadamente, como por si mesmo.” (DHC 6:318-320.)

Mas, como essa obra começou nos tempos modernos? Quais seus antecedentes mais detalhados?

Uma das grandes profecias bíblicas fala de certa missão em tempos modernos do antigo Profeta Elias que, assim está escrito, deveria voltar à terra nos últimos dias antes “do grande e terrível dia do Senhor.” Sua vinda seria tão importante, diz a Escritura, que, se ele falhasse, a terra toda seria ferida pela maldição.

Malaquias registra a profecia nas últimas linhas de seu livro. Diz o seguinte:

“Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor;

“E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha a fira a terra com maldição.” (Mal. 4:5-6.)

Nessa profecia, existem duas coisas interessantes.

Primeiro, define a época. Malaquias diz que Elias virá à terra antes do grande e terrível dia do Senhor. Estamos vivendo no período imediatamente anterior a esse dia. Pelos sinais dos tempos, sabemos que a vinda de Cristo está próxima. Então, pelos mesmos indícios, podemos saber que a vinda de Elias estava preparada para a época em que vivemos.

Resta a questão, se a sua vinda será no futuro ou se já veio no passado recente, e neste caso, a quem se mostrou.

Para isso, encontraremos a resposta examinando a segunda coisa importante dessa profecia — o motivo de sua vinda.

Malaquias esboça claramente a missão de Elias — estabelecer um vínculo afetivo entre as gerações passadas e as atuais. “convertendo o coração dos filhos a seus pais.” “Em outras palavras, o propósito específico da vinda de Elias seria criar no

Candelabros e espelhos de uma Sala de Casamentos e Selamentos do Templo de São Paulo





coração dos homens e mulheres vivos um interesse pelos seus ancestrais.

Depois de estabelecer, pelas Escrituras, tão especificamente o propósito de sua missão, resta determinar se já veio. Para isso, basta responder a esta pergunta:

Terá recentemente surgido um interesse muito difundido entre as pessoas vivas com respeito a seus antepassados?

Se investigarmos e não encontrarmos indícios de tal interesse, poderemos estar certos de que Elias ainda não veio. Por outro lado, se descobrirmos que existe atividade de pesquisa genealógica bastante difundida, podemos aceitá-la como evidência direta de que ele já veio.

Se os resultados de sua missão existem, podemos concluir que já veio, sua obra foi iniciada e a profecia cumprida.

Quais são os fatos neste caso?

O interesse pela pesquisa genealógica existe. Sua origem é recente e está tão difundida, que converteu o coração dos vivos a seus antepassados em quase todas as nações do mundo ocidental.

Centenas de sociedades, formadas com o propósito expresso de preparar árvores genealógicas dos homens, têm sido organizadas nos últimos anos.

Centenas de milhares de pessoas estão trabalhando individualmente na busca de registros dos seus ancestrais. Associações privadas têm sido formadas em grande número, onde só são admitidos como membros as pessoas que possam provar sua descendência de estadistas, militares ou pioneiros famosos.

Muitas revistas genealógicas são editadas em diversos países, e alguns jornais de larga tiragem mantêm seções permanentes sobre genealogia.

Em vários países, foram formadas grandes bibliotecas especializadas em matéria genealógica e crônicas familiares.

Centenas de milhares de volumes de tais referências foram publicadas no último século, e tão grande tem sido a procura desse tipo de publicação, que as bibliotecas públicas da maior parte das cidades dos Estados Unidos, reconhece-

A sala representando o Mundo no Templo de Los Angeles (Califórnia)



ram a necessidade de organizar departamentos genealógicos, em muitos casos dirigidos por genealogistas treinados.

Por meio de microfilmagem, estão sendo copiados e preservados muitos registros adicionais em diversos países do mundo. Esses registros microfilmados são utilizados pelos pesquisadores com o auxílio de aparelhos de leitura especiais e estão entre as mais ricas fontes de informações genealógicas.

Os governos da Inglaterra, França, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Noruega, Eslovênia e outros países europeus, ordenaram a preservação dos dados genealógicos, e em muitos casos organizaram arquivos com esse propósito.

Bem como Elias, cuja vinda causou tal interesse, estava destinado a vir nos últimos dias, "antes do grande e terrível "dia do Senhor", falta determinar se esta atividade de pesquisa se iniciou recentemente.

Índices de sociedades e seus objetivos, particularmente quanto ao estudo de an-

cestrais, podem ser encontrados em todas as grandes enciclopédias.

Seus trabalhos revelam que o "coração dos filhos" está-se voltando a seus pais de outras maneiras além da simples elaboração de crônicas e árvores genealógicas familiares. Existe interesse pela preservação de edifícios históricos, construção de monumentos nos lugares em que seus antepassados se cobriram de glória, manutenção de túmulos e construção de parques comemorativos.

Muitas dessas sociedades foram organizadas por volta de 1890, mas algumas já surgiram bem mais cedo, em 1850. É natural que haja levado alguns anos até hoje, para que o interesse individual se cristalizasse na formação de sociedades particularmente interessadas em linhagens genealógicas.

Demonstramos o tremendo interesse internacional surgido quanto à genealogia, e que este se iniciou-se poucos anos antes de 1844. De acordo com as Escrituras, Elias deveria provocar tal interesse. Por-

A sala representando a Criação no Templo de Los Angeles (Califórnia)



tanto, Elias deveria ter vindo pouco antes de 1844, a fim de iniciar (conforme o profetizado) o movimento que surgiu na aquela época.

E assim foi!

Há uma passagem na primeira epístola de Pedro que, referindo-se ao dilúvio nos dias de Noé, diz “na qual poucas (isto é, oito almas se salvaram pela água.” (1, Pedro 3:20.)

Exatamente “uns poucos, a saber, oito” anos antes de 1844, Elias apareceu, cumprindo as palavras de Malaquias.

Num templo construído pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Kirtland, Ohio, Elias efetuou sua gloriosa aparição aos homens mortais, em 3 de abril de 1836.

Ali ele concedeu a Joseph Smith, o profeta Mórmon, e a Oliver Cowdery, os poderes provenientes dos céus. Durante essa visitação, declarou que viera em cumprimento das palavras de Malaquias, para converter o coração dos filhos a seus pais — em outras palavras, criar nos corações dos homens mortais esse interesse genealógico por seus antepassados.

Existe alguma evidência da aparição de Elias?

Cada uma das sociedades, bibliotecas e revistas genealógicas; cada um dos registros genealógicos; cada nome em cada uma das páginas de todas as genealogias e cada um dos indivíduos, nos Estados Unidos ou de outras nações, que estiver buscando seus mortos, é uma testemunha material da vinda de Elias, porque cada um deles evidencia o cumprimento da missão desse profeta de ‘converter os corações dos filhos a seus pais’, como foi previsto por Malaquias.

Os resultados de sua missão se encontram em toda a parte. A evidência é convincente e não resta lugar para dúvidas. Elias já veio. Uma das maiores profecias foi cumprida. É um dos mais convincentes sinais de todos os tempos, testificando que o grande e terrível dia do Senhor está próximo.

Mas, esse interesse generalizado pela genealogia não só testifica a realidade

da vinda de Elias, como também dá testemunho semelhante sobre o chamado divino dos homens a quem apareceu nos tempos modernos. Demonstra a verdade incontestável de que os homens que receberam Elias naquele templo de Kirtland foram escolhidos pelo Todo-Poderoso e que a obra por eles instituída, com o auxílio de Elias, é divinamente inspirada.

Através da revelação de Deus e com poderes recebidos do ministério celestial, organizaram a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e deram ao mundo o Evangelho de Cristo em toda a sua pureza. Foram ordenados ao Sacerdócio por João Batista e Pedro, Tiago e João, e com esses poderes, pregaram novamente o Evangelho em sua simplicidade restaurada.

Eles pregaram o propósito da vinda de Elias e o motivo causador dessa conversão do coração dos filhos a seus pais.

Ensinarão que esse interesse genealógico tem seu lugar definido no plano de salvação e é relacionado diretamente com os princípios básicos da religião cristã.

Assim, temos na terra uma vasta e dupla atividade resultante da missão moderna de Elias. Por um lado, existe a preocupação mundial quanto a preparar árvores genealógicas e crônicas familiares, proporcionando a identificação necessária daqueles que viveram aqui na terra e já se foram.

Por outro lado, há a intensa atividade dos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, construindo templos e nele realizando ordenanças sagradas do Evangelho, a fim de que todos os que vierem a Cristo possam ser salvos em seu reino.

Esta obra do templo seria impossível sem as identificações provenientes da pesquisa genealógica mundial. As duas atividades andam de mãos dadas para cumprir a obra do Senhor, como foi instituída pelo Profeta Joseph Smith e continua sendo cumprida por seu povo.

Estes são os motivos pelos quais os mórmons constroem templos.

Uma Visão do Templo

Elder John A. Widtsoe

O Templo é uma casa ou lar do Senhor. Se ele visitasse a terra, viria ao seu templo. Somos da família do Senhor. Somos seus filhos, gerados ainda em nossa vida preexistente. E, assim como o pai e a mãe terrenos reúnem os filhos no lar, também os membros dignos da família do Senhor podem reunir-se, como fazemos, na sua casa.

O templo é um lugar de instrução. Ali os princípios do evangelho são examinados, e verdades profundas do reino de Deus são explicadas. Se entrarmos no templo com o espírito correto, e formos

atentos, sairemos enriquecidos quanto ao conhecimento do evangelho e sabedoria.

O templo é um lugar de paz. Ali podemos pôr de lado os cuidados e preocupações do mundo turbulento. Ali nossas mentes devem estar focalizadas nas realidades espirituais, já que ali nos preocupamos somente com as coisas do espírito.

O templo é um lugar de convênios, que nos ajudarão a viver retamente. Ali declaramos que obedeceremos às leis de Deus e prometemos utilizar o precioso conhecimento do evangelho para nossa própria bênção e benefício da humanidade.

Altar na sala que representa a glória terrestre no Templo de Manti (Utah)



As cerimônias simples ajudam-nos a sair do templo firmemente resolvidos a levar vida digna dos dons do evangelho.

O templo é um lugar de bênção. Promessas são-nos feitas, condicionadas apenas à nossa fidelidade, que vai desde o tempo até a eternidade. Elas nos ajudam a compreender a proximidade de nossos Pais Celestiais. O poder do sacerdócio é também dado a nós, em medidas novas e maiores.

O templo é um lugar onde as cerimônias pertinentes à divindade são apresentadas. Os grandes mistérios da vida, com as perguntas do homem, geralmente sem respostas, são ali claramente explicados: 1) de onde vim? 2) por que estou aqui? 3) para onde vou, quando a vida acabar? Ali, as necessidades do espírito, das quais todas as demais coisas da vida emanam, são consideradas como de importância capital.

O templo é um lugar de revelação. O Senhor pode ali revelar, e qualquer pessoa pode receber revelação para auxiliá-la em sua vida. Todo conhecimento, toda ajuda provém do Senhor, direta ou indiretamente?

Embora o Senhor possa não estar ali em pessoa, estará presente por intermédio de seu Santo Espírito e da presença de homens da terra, que possuem o sacerdócio. Por esse Espírito, eles dirigem a obra do Senhor aqui na terra. Todos os que entram nesse lugar sagrado em fé e oração, encontrarão amparo para as soluções dos problemas da vida.

É bom estar no templo, na casa do Senhor, o lugar de instrução do sacerdócio, de paz, de convênios, de bênçãos, e de revelação.

Uma gratidão por esse privilégio, e um desejo insaciável de possuir o espírito de tal ocasião devem transbordar em nossos corações.

O templo, com seus dons e bênçãos, está aberto a todos os que cumprirem

os requisitos do evangelho de Jesus Cristo. Cada um que for digno, poderá solicitar a seu bispo uma recomendação para ali entrar.

Suas ordenanças são sagradas: não são misteriosas ou secretas. Todos os que aceitarem e viverem o evangelho, mantendo-se limpos, poderão participar delas.

Na verdade, todos os membros fiéis da Igreja estão convidados e incitados a fazer uso do templo e gozar de seus privilégios. Esse é um lugar sagrado no qual sagradas ordenanças são ministradas a todos os que se provaram dignos de partilhar de suas bênçãos.

Qualquer coisa que o evangelho ofereça, pode ser feita no templo. Batismos, ordenanças ao sacerdócio, casamentos e selamentos para o tempo e a eternidade para os vivos e mortos, o "endowment" para os vivos e mortos, ensino do evangelho, deliberações para a obra do ministério, e qualquer coisa mais que pertença ao evangelho pode ser ali realizada. Na verdade, no templo condensa-se todo o evangelho.

Não se deve esperar que as cerimônias do templo sejam compreendidas plena e pormenorizadamente quando da primeira vez que por ele se passa. Portanto, o Senhor proporcionou-nos meios de repetição. A obra do templo deve ser feita em primeiro lugar, pela pessoa, por si mesma; então poderá ser feita pelos ancestrais falecidos, ou amigos, tão frequentemente quanto as circunstâncias o permitirem. Esse serviço abrirá as portas da salvação para os mortos, e também ajudará a fixar na mente dos vivos a natureza, significado, e obrigações do "endowment". Mantendo o "endowment" bem vivo na mente, poderemos cumprir melhor nossos deveres na vida sob a influência das bênçãos eternas.

As cerimônias dos templos estão amplamente delineadas na revelação conhecida como seção 124, versículos 39 a 41 de Doutrina e Convênios. "Portanto, na verdade vos digo que as vossas uniões e

vossos lavamentos, e vossos batismos pelos mortos, e vossas assembléias solenes, e memoriais pelos vossos sacrifícios feitos pelos filhos de Levi, e os vossos oráculos nos lugares mais santos, onde recebeis conversações, e vossos estatutos e julgamentos, para os princípios das revelações e da fundação de Sião, e para a glória, honra e investidura de todas as suas municipalidades, são prescritos pela ordenança da minha casa santa, a qual sempre mando que o meu povo construa em meu santo nome.

E na verdade vos digo que seja esta casa construída em meu nome, para que nela eu possa revelar ao meu povo as minhas ordenanças;

Pois à minha igreja me digno revelar coisas que têm sido conservadas ocultas desde antes da fundação do mundo, coisas que dizem respeito à dispensação da plenitude dos tempos”.

Nos templos, todos apresentam-se vestidos igualmente de branco. Branco é o símbolo da pureza. Nenhuma pessoa impura tem o direito de entrar na Casa do Senhor. Além disso, o padrão uniforme de vestimenta simboliza que, diante de Deus, nosso Pai nos céus, todos os homens são iguais. O maquinista e o banqueiro, o letrado e o analfabeto, o príncipe e o pobre sentam-se ali, lado a lado, no templo, e têm igual importância, se viverem retamente diante do Senhor Deus, o Pai de seus espíritos. É adestramento e compreensão espiritual o que se recebe no templo. Todos têm um lugar igual diante do Senhor.

Do princípio ao fim, passar pelo templo é uma gloriosa experiência. É enlevadora e informativa. Dá-nos coragem. O candidato é enviado com maior entendimento e poder para sua obra.

As leis do templo e os convênios do endowment são belíssimos, úteis, simples, e facilmente compreendidos. Observá-los é igualmente fácil. É maravilhoso, todavia, que o Profeta Joseph Smith, pouco

sabendo dos caminhos deste mundo, pudesse assim colocá-los em seqüência adequada, no estabelecimento do alicerce para o progresso espiritual humano. Isto, por si só, justifica nossa fé, de que Joseph Smith foi guiado por poderes além daqueles possuídos pelos homens mortais.

Para aqueles que entram no serviço do templo, com fé, em submissão total à vontade do Senhor, o dia será uma experiência gloriosa. Luz e poder advirão para assisti-los, em tudo o que os anos futuros possam requerer.

Sempre que alguém estudar o evangelho de Jesus Cristo, particularmente no tocante aos templos, terá sua convicção aumentada de que a obra de Deus foi restabelecida para seus propósitos específicos nos últimos dias: O serviço do templo é para auxiliar-nos e ajudar-nos na qualificação para essa obra poderosa: “...proporcionar a imortalidade e a vida eterna do homem. (Moisés 1; 39.)

Adoração no Templo: eternamente uma parte do evangelho. Quando Joseph Smith foi comissionado para restaurar o Evangelho e restabelecer a Igreja de Jesus Cristo, a edificação de templos e a adoração nos templos tornaram-se quase que a primeira e derradeira questão de sua vida. O terreno do templo em Independence, Missouri, dedicado logo depois da organização da Igreja; a edificação e término do Templo de Kirtland, e as coisas maravilhosas que ali ocorreram; a edificação do templo de Nauvoo, e o conferimento dos ‘endowments’ no templo, depois da morte do Profeta; a dedicação de outros terrenos; e muitas revelações concernentes aos templos, indicam, todas, que a maior preocupação do Profeta Joseph Smith na restauração do evangelho nesses últimos dias, foi o alicerce, edificação e término dos templos, nos quais as ordenanças “ocultas desde antes da fundação do mundo” pudessem ser ministradas. De fato, o Senhor declarou repetidas vezes ao Profeta que, a

menos que templos fossem edificadas e empregados, o plano de salvação não poderia estar em pleno andamento, nem poderia ser cumprido.

Permitam-me sugerir que o motivo pelo qual a construção e adoração nos templos têm sido encontradas em todas as eras, em todo lado, e entre todos os povos, é porque o evangelho em sua plenitude foi revelado a Adão, e que todas as religiões e práticas religiosas são, portanto, derivadas dos remanescentes da verdade conferida a Adão, e transmitida por ele aos patriarcas. As ordenanças do templo, até onde necessário, foram dadas, sem dúvida, naqueles dias, e muito naturalmente, as corrupções foram transmitidas pelas gerações. Aqueles que compreendem a natureza eterna do evangelho — planejado desde antes da fundação do mundo — entendem claramente por que toda a história parece repetir-se em volta da construção e uso de templos.

A natureza eterna do homem. Para compreender o significado da adoração no templo, é necessário entender o plano de salvação e seu relacionamento com a adoração no templo. A raça humana estava "no princípio, com Deus", e foi criada como seres espirituais em um dia, antes da chegada a esta terra. A humanidade está aqui por haver aceitado o plano de salvação, e por ter vivido satisfatoriamente na preexistência. Ganhamos o direito de estar aqui: não fomos forçados a vir aqui; conquistamos nosso lugar na terra. Devemos passar para outra esfera de existência, e continuar em progresso ascendente, e para a frente, para sempre e

sempre, se obedecermos às elevadas leis da existência eterna.

O plano de salvação para os seres eternos envolve o princípio de que a obra de Deus com relação a esta terra não estará completa, até que toda alma tenha recebido ensinamentos sobre o evangelho, e possa ter tido o privilégio de aceitar a salvação e as grandes bênçãos subsequentes que o Senhor tem preparado para seus filhos. Até esse ponto, a obra estará incompleta.

Os homens perguntam com frequência quando o último dia chegará, e quando a terra passará pela grande mudança. Os homens tentam, inutilmente, estabelecer datas desses eventos futuros, extraindo as dos dizeres de Daniel e de outros profetas. Sabemos que o Senhor virá, quando estivermos prontos para recebê-lo; ou seja, quando tivermos feito a obra que requer de nós; não antes, nem depois; mas, quando a obra do dia tiver sido terminada, quando o dia atual findar e um novo campo de ação tiver sido estabelecido. Quando a obra designada aos filhos terrenos tiver sido feita de acordo com o plano de salvação, o Senhor se lembrará de suas promessas, e o fim da terra, que é o início de um novo dia de progresso, ocorrerá.

Nós, que percorremos a jornada terrena, estamos trabalhando para solucionar um problema eterno. Uma jornada infinita é a nossa; a vida terrena é mera fração dela; o propósito não tem fim. E o templo é o ponto central da jornada e de seu propósito.

Visão da Redenção dos Mortos

Presidente Joseph F. Smith

Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nasceu a 13 de novembro de 1838, em Far West, Missouri, filho de Hyrum e Mary Fielding Smith. A 27 de junho de 1844, ficou órfão, quando do duplo martírio de seu pai, e seu tio, o Profeta Joseph Smith, em Carthage, Illinois. Em 1846, ele dirigiu o carroção da mãe, atravessando Iowa até Winter Quarters, no Nebraska; dois anos mais tarde, conduziu duas juntas de bois, com todas as posses da família, pela longa jornada através das planícies até o Vale do Lago Salgado. Em 21 de setembro de 1852, falecia-lhe a mãe viúva na Cidade de Lago

Salgado. Na conferência geral de abril de 1854, Joseph F. Smith, então com apenas quinze anos de idade, foi chamado para fazer missão no Havaí. Foi ordenado apóstolo e conselheiro da Primeira Presidência, a 1.º de julho de 1866, sendo desobrigado do cargo de conselheiro ao ser designado como membro do Conselho dos Doze, a 8 de outubro de 1867. No dia 10 de outubro de 1880, foi chamado pelo Presidente John Taylor para seu segundo conselheiro na Primeira Presidência, posição em que serviu também aos presidentes Wilford Woodruff e Lorenzo Snow. Em 17 de outubro de 1901, foi apoiado como presidente da Igreja,

Bois sustentando a Pia Batismal no Templo de São Paulo



vindo a falecer na Cidade de Lago Salgado, a 19 de novembro de 1918. Esta visão tida a 3 de outubro de 1918, foi submetida aos conselheiros na Primeira Presidência, ao Conselho dos Doze e ao patriarca da Igreja no dia 31 do mesmo mês, tendo sido aceita unanimemente por eles.

No dia 3 de outubro de 1918, sentei-me em meu escritório, ponderando as Escrituras. E meditando sobre o grande sacrifício expiatório que foi feito pelo Filho de Deus, pela redenção da humanidade. E o grande e maravilhoso amor, que foi manifestado pelo Pai e o Filho, na vinda do Redentor ao mundo. Para que, através do seu sacrifício e pela obediência aos princípios do Evangelho, a humanidade pudesse ser salva.

Nesse ínterim, minha mente voltou-se aos escritos do Apóstolo Pedro, aos primitivos santos espalhados por Pontos, Galácia, Capadócia e outras partes da Ásia Menor, onde o Evangelho tinha sido pregado depois da crucificação do Senhor.

Abri a Bíblia e li os capítulos 3 e 4 da primeira epístola de Pedro, e quando li, fiquei grandemente impressionado, mais do que havia ficado antes, com as seguintes passagens:

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado no espírito.

“No qual também foi e pregou aos espíritos em prisão.

“Os quais noutro tempo foram rebeldes quando a longanidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água.” (I Pedro 3:18-20.)

“Porque por isso foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito.” (I Pedro 4:6.)

Enquanto ponderava essas coisas que estão escritas, os olhos do meu enten-

Refeitório do Templo de São Paulo



dimento foram abertos, e o Espírito do Senhor pousou sobre mim, e vi as hostes dos mortos, pequenos e grandes. E estavam reunidos em um só lugar um número incontável de espíritos dos justos, que haviam sido fiéis no testemunho de Jesus, enquanto viveram na mortalidade. E que tinham oferecido sacrifício à semelhança do grande sacrifício do Filho de Deus e sofreram tribulação em nome do seu Redentor. Todos esses partiram da vida mortal, na esperança de uma gloriosa ressurreição através da graça de Deus, o Pai, e seu Filho Unigênito, Jesus Cristo.

Vi que estavam cheios de alegria e júbilo e regozijavam, porque o dia da sua libertação estava próximo. Estavam reunidos, aguardando o advento do Filho de Deus no mundo espiritual, para trazer-lhes a redenção das cadeias da morte. Os seus restos mortais seriam restaurados à sua forma perfeita, osso com osso, e os tendões e a carne voltariam a cobri-los, o espírito e o corpo seriam reunidos para

nunca mais se separarem, a fim de que pudessem receber a plenitude da alegria.

Enquanto aquela vasta multidão esperava e conversava, regozijando-se por saber que estava próxima a hora em que seriam libertados das cadeias da morte, o Filho de Deus apareceu, declarando liberdade aos cativos que tinham sido fiéis. E pregou-lhes o Evangelho eterno, a doutrina da ressurreição e a redenção da humanidade da queda e dos pecados individuais, desde que houvesse arrependimento. Mas, aos iníquos ele não foi, e entre os incrédulos e os que não se arreenderam, que se corromperam enquanto estavam na carne, a sua voz não foi ouvida. Também os rebeldes que rejeitaram os testemunhos e advertências dos antigos profetas não tiveram o privilégio de sua presença e nem puderam olhar a sua face. Onde estes estavam, a escuridão reinava, mas entre os justos havia paz. E os santos regozijaram-se na sua redenção e dobraram os joelhos e reconheceram o Filho de Deus como seu Redentor e Libertador da morte e das cadeias do inferno. Os seus semblantes se iluminaram, e o brilho da presença do Senhor depositou-se sobre eles, e cantaram louvores ao seu santo nome.

Maravilhei-me, porque entendi que o Salvador ficou mais ou menos três anos no seu ministério entre os judeus e aqueles da casa de Israel, procurando ensinar-lhes o Evangelho eterno e chamá-los ao arrependimento. E ainda, não obstante suas grandes realizações e milagres e a proclamação da verdade com grande poder e autoridade, poucos deram ouvidos à sua voz, poucos se regozijaram na sua presença e receberam salvação das suas mãos. Mas o seu ministério entre aqueles que morreram foi limitado ao curto espaço de tempo compreendido entre sua crucificação e ressurreição. E maravilhei-me nas palavras de Pedro, quando disse que o Filho de Deus pregou aos espíritos em prisão, que outrora foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, e como lhe fora possível pregar àqueles

Sala Infante-Juvenil do Templo de São Paulo



espíritos e realizar o trabalho necessário entre eles em tão curto tempo.

E enquanto me maravilhava, os meus olhos foram abertos, e o meu entendimento aclarado, e compreendi que o Senhor não foi em pessoa entre os iníquos, entre os desobedientes que rejeitaram a verdade, para ensiná-los. Mas eis que, dentre os justos, organizou as suas forças e designou mensageiros, investiu-os com poder e autoridade, e comissionou os para que fossem e levassem a luz do Evangelho àqueles que estavam na escuridão, mesmo a todos os espíritos dos homens. E desse modo, o Evangelho foi pregado aos mortos. E os mensageiros escolhidos foram pregar o dia aceitável do Senhor e proclamaram a liberdade aos cativos que estavam presos, mesmo a todos os que se arrependessem dos seus pecados e recebessem o Evangelho. Desse modo, foi pregado o Evangelho àqueles que morreram em pecado, sem conhecer a verdade, ou na transgressão, tendo rejeitado

os profetas. A esses foi ensinada a fé em Deus, arrependimento do pecado, batismo vicário para remissão dos pecados, o dom do Espírito Santo pela imposição das mãos. E todos os outros princípios do Evangelho que deveriam conhecer, a fim de poderem ser julgados segundo os homens na carne, mas que possam viver segundo Deus no espírito.

E assim foi dado a conhecer aos mortos tanto grandes como pequenos, ao injusto como também ao justo, que a redenção tinha sido forjada através do sacrifício do Filho de Deus na cruz. Tornou-se sabido então que nosso Redentor, enquanto estava no mundo dos espíritos, instruiu e preparou os espíritos dos profetas que fielmente testificavam dele na carne. Para que pudessem levar a mensagem de redenção a todos os mortos a quem ele não poderia pregar pessoalmente por terem sido rebeldes e iníquos, para que eles, através da manifestação dos servos enviados pelo mestre, pudessem tam

Vista exterior do Templo de São Paulo



bém ouvir as suas palavras. Entre os grandes e poderosos que estavam reunidos nesta vasta congregação dos justos, estavam o pai Adão, o Ancião de Dias e pai de todos. E a nossa gloriosa mãe Eva, com muitas de suas fiéis filhas que viveram desde épocas remotas, e adoraram ao verdadeiro Deus vivente. Abel, o primeiro mártir, estava lá, e o seu irmão Sete, um dos poderosos, que era a imagem expressa do seu pai Adão. Noé, que advertiu acerca do dilúvio; Sem, o grande sumo sacerdote; Abraão, o pai dos fiéis; Isaque, Jacó e Moisés, o grande legislador de Israel.

Isaías, que profetizou que o Redentor fora ungido para restaurar os corações quebrantados, a proclamar a liberdade aos cativos e abrir-lhes as portas das prisões, também estavam lá.

Além desses, estavam lá: Ezequiel, que viu em visão o grande vale dos ossos secos, que seriam novamente revestidos de carne para voltarem de novo na ressurreição dos mortos como almas viventes. Daniel, que previu e predisse o estabelecimento do reino de Deus nos últimos dias, para nunca mais ser destruído nem entregue a outro povo. Elias que esteve com Moisés no Monte da Transfiguração. Malaquias, o profeta que testificou da vinda de Elias — de quem também Morôni falou ao Profeta Joseph Smith, declarando que deveria vir antes da anunciação do grande e terrível dia do Senhor. O Profeta Elias deveria plantar nos corações dos filhos as promessas feitas aos pais: Prognosticando o grande trabalho a ser feito nos tempos do Senhor na dispensação da plenitude dos tempos, para a redenção dos mortos e o selamento dos filhos aos pais, para que toda a terra não seja ferida com uma maldição e totalmente destruída na sua vinda.

Todos esses e muitos outros, mesmo os profetas que habitaram entre os nefitas e testificaram da vinda do Filho de Deus, juntaram-se à grande assembléia e aguardaram a sua libertação. Porque os mortos consideravam a grande ausência dos seus espíritos dos seus corpos como uma

escravidão. A esses o Senhor ensinou, e deu-lhes poder para ressuscitarem, depois que ele ressuscitasse dos mortos, e entrarem no reino de seu Pai, para que fossem coroados com a imortalidade e vida eterna. E continuassem dali em diante os seus trabalhos, como lhes fora prometido pelo Senhor, e serem participantes de todas as bênçãos que foram reservadas àqueles que o amam.

O Profeta Joseph Smith e meu pai, Hyrum Smith, Brigham Young, John Taylor, Wilford Woodruff e outros espíritos escolhidos que foram reservados para virem na plenitude dos tempos, a fim de tomar parte no estabelecimento das fundações deste grande trabalho dos últimos dias. Incluindo a edificação de templos e realização de ordenanças vicárias para a redenção dos mortos, também estavam no mundo espiritual. Observei que também estavam entre os grandes e nobres que foram escolhidos no começo para serem governantes na Igreja de Deus. Mesmo antes que tivessem nascido, eles, com muitos outros, receberam as suas primeiras lições no mundo dos espíritos e foram preparados para virem no devido tempo do Senhor, a fim de trabalharem em sua vinha para a salvação das almas dos homens. Vi que os élderes fiéis desta dispensação, quando deixam a vida mortal, continuam os seus trabalhos de pregação do evangelho de arrependimento e redenção, através do sacrifício do Filho Unigênito de Deus, entre aqueles que estão nas trevas e sob a escravidão do pecado no grande mundo dos espíritos dos mortos. Os mortos que se arrependerem serão redimidos através da obediência às ordenanças da Casa do Senhor. E depois de haverem cumprido o castigo pelas suas transgressões e de serem purificados, receberão uma recompensa de acordo com as suas obras, porque são herdeiros da salvação.

Deste modo, a visão da redenção dos mortos foi-me revelada, e presto testemunho, e sei que é verdadeira, através das bênçãos de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Assim seja. Amém.

A Igreja nos Países Sul-Americanos

A Igreja havia sido organizada há apenas 21 anos, quando o Élder Parley P. Pratt, sua esposa, Phebe Soper, e Élder Rufus Allen chegaram a Valparaíso, no Chile, em 1851, como os primeiros missionários na América do Sul. Seu trabalho tinha um desafio especial, visto que nenhum dos três falava castelhano e não havia literatura alguma da Igreja nesse idioma.

Embora não tenha sido organizada nenhuma missão permanente, é significativo na história da Igreja que um apóstolo tenha tão cedo trabalhado nessa área. O Élder Pratt nunca deixou de ter interesse pelo povo sul-americano.

Quando o trabalho teve seu início verdadeiro, pela segunda vez, seu neto, Rey

L. Pratt, que falava o castelhano, foi um dos primeiros a trabalhar.

Essa segunda tentativa começou em 1925, cerca de 75 anos depois. A Primeira Presidência havia designado Andrew Jenson e Thomas S. Page para viajarem pela América do Sul e verificarem a possibilidade de abri-la para a obra missionária. Eles relataram que as condições pareciam favoráveis, e o Conselho dos Doze deu aprovação unânime para que se organizasse uma missão.

Quase ao mesmo tempo, Wilhelm Friedrichs e Emil Hoppe, chefes de duas famílias alemãs que se haviam mudado para Buenos Aires, Argentina, também solicitaram os missionários. As duas famílias estavam realizando reuniões regulares

Teto da Sala Celestial do Templo de São Paulo



e tinham muitos amigos que desejavam o batismo, mas o Irmão Friedrichs era um diácono e o Irmão Hoppe um mestre — sem autoridade para batizar ou dirigir um ramo.

Esses conversos alemães estavam esperando ansiosamente, quando Melvin J. Ballard, do Conselho dos Doze, e Rulon S. Wells e Rey L. Pratt, do Primeiro Conselho dos Setenta, chegaram a Buenos Aires no dia 6 de dezembro de 1925, com uma designação da Primeira Presidência. Em 19 de dezembro, foram batizados seis conversos — amigos das famílias Friedrichs e Hoppe.

Logo cedo, na manhã daquele Natal, os Élderes Ballard, Wells e Pratt reuniram-se em um parque chamado “Três de Fevereiro”, para dedicar o país para o trabalho missionário. O Élder Ballard ofereceu a oração, dizendo: “E agora, ó Pai, em virtude da autoridade da bênção e chamado do teu servo, o Presidente da Igreja, e com autoridade do Santo Apostolado que possuo, giro a chave e abro a porta para a pregação do evangelho em todas estas nações sul-americanas; repreendo e ordeno que seja detido todo poder que se oponha à pregação do evangelho nestes países.”

Esses missionários tinham desafios bem diferentes dos seus antigos predecessores. O Élder Wells falava alemão, e o Élder Pratt, castelhano, o que eliminava as dificuldades da língua. Mas o tempo estava tão quente e úmido, que o Élder Wells foi forçado a voltar para casa algumas semanas depois, no dia 14 de janeiro, devido à saúde afetada.

Entretanto, o esforço missionário seria bem sucedido, como profetizou o Élder Ballard algumas semanas antes de encerrar um esforço de oito meses: “A obra do Senhor crescerá vagarosamente por algum tempo, da mesma forma que um carvalho floresce vagarosamente de uma bolota. Ela não brotará como o girassol que cresce rapidamente e depois morre. Mas milhares se unirão à Igreja aqui. Ela será dividida em mais do que uma missão, e será uma das mais fortes da

Igreja. O trabalho aqui é, atualmente, menor que em qualquer ocasião futura. A Missão Sul-Americana tornar-se-á uma força na Igreja.” (*Sermons and Missionary Service of Melvin Joseph Ballard*, ed. Briant S. Hinckley, Deseret Book Co., 1949, p. 100.)

Reinhold Stooft foi designado para presidir a nova missão e chegou com sua mulher, em 15 de julho de 1926. Dois anos mais tarde, enviou missionários ao Brasil, e, quando foi desobrigado em 1935, depois de nove anos de serviço, a missão estava pronta para ser dividida em Missões Argentina e Brasileira.

A Igreja na Argentina

A Missão Sul-Americana original, com sede na Argentina, foi dividida, em 1935, em Missão Argentina e Missão Brasileira. O Presidente W. Ernest Young foi designado para presidir os 14 missionários e 255 membros da Missão Argentina.

Quando o Presidente Frederick S. Williams o substituiu em 1938, estavam-se realizando reuniões regulares em 20 locais alugados, e havia 45 missionários. Naquele ano, batizaram-se 66 pessoas.

A primeira capela construída pela Igreja na América do Sul foi dedicada em Liniers, um subúrbio de Buenos Aires, no dia 9 de abril de 1939, pelo Presidente Williams. Foi nesta época que as equipes da missão venceram os campeonatos argentinos de basebol e “softball”, trazendo uma publicidade muito favorável para a Igreja.

Despontou uma nova era na Argentina, quando o Presidente Harold Brown foi chamado para presidir a missão, em 1949. Sob sua orientação, desenvolveram-se as organizações auxiliares, os membros locais foram designados presidentes de ramos, estabeleceram-se novos programas missionários, abriram-se novas cidades e missionários foram enviados ao Uruguai.

As visitas feitas pelas Autoridades Gerais impulsionaram o progresso na Ar-

gentina. O Presidente David O. McKay veio em 1954; Presidente Joseph Fielding Smith e Élder A. Theodore Tuttle visitaram-na em 1960. Por volta de 1959, uma década depois da renovação da obra missionária em pleno desenvolvimento, o número de membros havia atingido 3 500. O progresso continuou sob a presidência de Lorin N. Pace, ex-diplomata em Honduras, que serviu como Presidente da Missão Argentina em 1958. Ele enviou os primeiros missionários para o norte da Argentina, abrindo Tuscuman e Santiago del Estero. A missão foi dividida em 1962.

Quatro anos mais tarde, o Élder Spencer W. Kimball, então membro do Conselho dos Doze, organizou a primeira estaca de fala castelhana no hemisfério sul. Era em Buenos Aires e incluía sete alas. Angel Abree era seu presidente.

Desde aí, a primeira estaca já se transformou em seis: Buenos-Aires Argentina Leste, Buenos-Aires Argentina Oeste, Cor-

doba Argentina, Mendoza Argentina, Quilmes Argentina, Rosario Argentina. Existem atualmente quatro missões: duas têm sede em Buenos Aires, existindo outras em Rosário e Cordoba. O número de membros na Argentina eleva-se acima de 39 000 (39 270 em dezembro de 1977) e 193 jovens rapazes e moças servem como missionários locais.

A Igreja no Brasil

O trabalho de evangelizar o Brasil iniciou-se pouco mais de um ano depois da introdução das boas-novas na Argentina, quando dois élderes da Argentina, vieram em 1927, à procura de santos alemães que se haviam estabelecido no Brasil. Os élderes permaneceram durante um mês e concluíram que o Brasil seria “um campo esplêndido para o futuro desenvolvimento da obra missionária.”

Mais tarde, vieram dois outros missionários da Argentina, com o Presidente Stoof, em 1928, também à procura de

Detalhe de um belo trabalho de entalhe do Templo de São Paulo



membros que haviam emigrado da Alemanha e Inglaterra. Encontraram pequenos núcleos de santos alemães em Joinville, um centro de 16 000 pessoas de fala alemã, e, durante o ano seguinte, batizaram mais alemães. Em 1929, adquiriram a primeira propriedade para a Igreja no Brasil — uma antiga casa em Joinville, que ainda serve como local de reunião para a Ala de Joinville da Estaca de Curitiba-Brasil.

Quatro anos mais tarde, no dia 9 de fevereiro de 1935, a Primeira Presidência fez do Brasil uma missão separada, sob a direção do Presidente Rulon S. Howells, com sete diáconos, quatro mestres, quatro sacerdotes, 29 membros do sexo masculino sem o sacerdócio, 64 mulheres com mais de 21 anos e 35 crianças — um total de 143 membros e nove missionários dispersos pela missão.

Durante quase dez anos, os élderes trabalharam entre pessoas que não eram naturais do país e em uma língua que não era a oficial! O trabalho continuou somente entre os imigrantes alemães e em língua alemã até 1938, quando os primeiros élderes receberam a designação de aprender o português. Naquele ano, o Presidente John Alden Bowers começou a traduzir vários panfletos e o Livro de Mórmon para o português — as primeiras traduções da Igreja nessa língua.

O Presidente David O. McKay visitou o Brasil em 1954. Dois anos depois dessa visita, o Presidente Henry D. Moyle, da Primeira Presidência, profetizou em uma reunião de missionários no Rio de Janeiro, que experiências espirituais fariam com que entrassem conversos aos milhares para a Igreja. Temos experimentado esse crescimento — e mesmo com mais de 51 000 membros, quatro missões, onze estacas e um templo, a obra está apenas se iniciando. Existem centenas de cidades no Brasil que nunca receberam missionários.

A primeira capela construída no Brasil foi dedicada em 1959, e a Missão Brasil-Sul foi formada naquele mesmo ano nos três estados do sul.

Sete anos mais tarde, em 1966, foi organizada a primeira estaca brasileira, com sede em São Paulo. Existem agora cinco estacas e duas missões só naquela cidade.

Nos dias 28 de fevereiro, 1 e 2 de março de 1975, realizou-se uma conferência de área em São Paulo, para os santos do Brasil. O Presidente Spencer W. Kimball anunciou, naquela ocasião, que o 17.^o templo do Senhor seria construído em São Paulo. É o primeiro templo a ser construído na América do Sul. A dedicação desse edifício sagrado, em 30 de outubro e 1, 2 e 3 de novembro, marca uma grande bênção para cerca de 208.000 membros no distrito do Templo de São Paulo. O trabalho de ordenanças inicia-se no dia 7 de novembro para os santos dos últimos dias dignos que desejam participar nas ordenanças sagradas do templo para si próprios, suas famílias e como procuradores para os que já morreram.

Como em outras partes do mundo, o rápido crescimento da Igreja tem causado uma carência de liderança experiente nos ramos locais. Visto que aproximadamente 40 por cento dos membros da Igreja no Brasil são de idade inferior a 20 anos, é imperativo desenvolver-se programas eficientes para a juventude.

Mesmo com uma grande quantidade de desafios, os santos do Brasil têm captado o espírito da obra missionária e encontram grande alegria em pregar o evangelho para os seus vizinhos. Além dos numerosos membros da Igreja trazidos por outros membros, os jovens no Brasil estão respondendo ao conselho do Presidente Kimball de que todo jovem digno deve fazer uma missão. Há 390 rapazes e moças servindo como missionários locais no Brasil. O dedicado zelo missionário talvez seja aqui parte da razão por que a população da Igreja é maior no Brasil do que em qualquer outro país sul-americano.

A Igreja em São Paulo

São Paulo concentra o maior número de membros do país: mais de 11.100; tem

16 capelas construídas, 5 estacas e 36 alas e ramos, duas missões: Missão São Paulo Norte e São Paulo Sul: Os escritórios da Igreja — A maior parte dos escritórios de representação da Igreja estão instalados em São Paulo.

O escritório de área eclesiástica que tem como representante uma Autoridade Geral, membro do Primeiro Quorum dos Setenta, William Grant Bangerter, está instalado na Av. Francisco Morato, 2203 — apto. 71, edifício Águas de Ibuá, no conj. residencial, Vertentes do Morumbi, (próximo ao templo).

O escritório de área do Bispado Presidente, que administra a parte temporal no país é dirigido pelo irmão Osiris Grobel Cabral. Ele reúne os Departamentos de Manutenção, Departamento Financeiro, Divisão de Bens Imóveis, Departamento de Registros de Membros e Estatística e Departamento de Materiais que inclui a Divisão de Tradução e Distribuição de material escriturístico e didático religioso. Esses materiais são distribuídos pela loja, situada à Rua Itapeva, 366. 5.º andar.

Esta área do Bispado Presidente tem a função de apoiar os líderes eclesiásticos e os membros da Igreja, fornecendo a ajuda de que eles precisam e proporcionam meios eficientes para que o Reino do Senhor seja rapidamente edificado.

No Sistema Educacional da Igreja, existe uma Divisão de área no Brasil, com sede também em São Paulo, e o supervisor é Saul Messias de Oliveira. Nesse sistema funcionam o Instituto de Religião, Seminário diário e de estudos no lar. Este programa abrange toda a área brasileira.

O Centro de Treinamento Missionário é uma escola onde o recém-chamado para missão de proselitismo recebe instruções básicas e disciplina para executar seu chamado. Esse curso recebe missionários de todo o País. Endereço: Rua Itapeva, 378.

A Colméia — Confeccões de roupas para o templo. Esta fábrica confecciona

roupas para os serviços do templo e garments para servir a todos os membros do Distrito do templo de São Paulo.

A Igreja no Uruguai e Paraguai

Para os sul-americanos de espírito desportista, é apenas natural que os esportes tenham sido o meio de introduzir o evangelho em muitas áreas. O primeiro trabalho missionário registrado no Uruguai foi em 1940, quando o missionário argentino Rolf R. Larson representou a Igreja no campeonato sul-americano de basquetebol, em Montevidéu, a capital do Uruguai e, em repetidas entrevistas, identificou-se como mórmon.

Três anos depois, Frederick S. Williams estabelecia-se em Montevidéu com sua firma. Sendo um antigo presidente da Missão Argentina, ele solicitou permissão para estabelecer um ramo subordinado à Missão Argentina. O Uruguai foi organizado como missão em agosto de 1947. Quatro meses mais tarde, havia quatro ramos em Montevidéu.

Em 1948, estava funcionando uma Sociedade de Socorro e, ao final do ano, os 66 missionários haviam batizado 54 membros, sendo que seis pequenos ramos floresciam em Montevidéu com mais oito em outras cidades.

Em 1949, a Primeira Presidência autorizou a abertura da obra missionária no Paraguai, em Assunção, como parte da Missão Uruguai, e o trabalho iniciou-se diligentemente no Paraguai, em 1950.

Em 1952, a Igreja foi reconhecida legalmente pelo governo, e a Primeira Presidência autorizou a construção da primeira capela e salão cultural a ser construída na América do Sul.

Durante os quatro anos seguintes, os batismos aumentaram na Missão Uruguai em 230 por cento. Em 31 de dezembro de 1977, o número de membros no Paraguai era de 2.063, e no Uruguai, de 22.138.

A primeira estaca foi organizada em Montevidéu, em 1967, com 4.835 membros, em oito alas. O Uruguai é agora

uma missão separada do Paraguai e tem seis estacas e 68 alas e ramos. Noventa e quatro rapazes e moças estão servindo como missionários locais no Uruguai, e 15 no Paraguai.

A Igreja no Paraguai cresceu mais vagarosamente, mas desabrochou em 14 ramos com líderes locais funcionando em posições de ramo e distrito.

Richard G. Scott, ex-missionário no Uruguai e atualmente membro do Primeiro Quorum dos Setenta, cita uma reunião regional a que ali assistiu como um exemplo da força da Igreja. "Toda a reunião foi apresentada por membros locais, exceto a reunião do sacerdócio em que os oficiais da missão ajudaram. Quase 90 por cento dos convidados vieram para as sessões de liderança... Havia feito seus próprios auxílios didáticos e adaptado o esquema às circunstâncias locais."

Élder Scott falou também sobre a devoção dos membros no Distrito de Sajonia como outro exemplo. Eles estavam construindo uma capela nova. Era um edifício de duas fases, no qual o salão cultural é construído antes da capela, de modo que a torre geralmente não é erigida antes da segunda fase. Entretanto, havia tanta vontade de que a torre fosse construída, que, quando os líderes locais a propuseram para os membros, a despeito dos pesados encargos tanto de trabalho como de dinheiro, eles receberam, no mesmo dia, promessas e doações de trabalho e dinheiro suficientes para completá-la.

A Igreja no Peru

A primeira referência ao Peru, na história da Igreja, é feita por Parley P. Pratt em um relatório a Brigham Young, em 1852.

"Tive muita vontade de ir ao Peru desta vez," escreveu ele, "mas uma bolsa vazia e uma língua imperfeita, que mal começou a tartamudear naquela língua, juntamente com a falta de livros ou de meios para imprimi-los, com outras circunstâncias, tudo se combinou para fa-

zer com que eu esperasse um pouco, até que pudesse estudar a língua mais profundamente."

Ele recomendou a tradução imediata do Livro de Mórmon e outras publicações.

O neto de Élder Pratt, Rey Lucero Pratt, traduziu os primeiros panfletos missionários e muitos dos hinos mais queridos para o castelhano. Acompanhou também o Elder Melvin J. Ballard à América do Sul em 1925, quando o Elder Ballard dedicou a Missão Sul-Americana em Buenos Aires, Argentina. Durante sua viagem de volta, em 1926, eles visitaram o Peru.

Provavelmente a família de Alfred W. McCunes foi a primeira família mórmon a residir no Peru por longo tempo. Alfred havia feito fortuna ao organizar a Consolidated Railway and Power Company, que se tornou a maior companhia em Utah, naquele período.

Procurando novos desafios, ele viajou com sua família para o Peru onde incorporou várias das minas de cobre e prata na Corporação Cerro de Pasco.

Em janeiro de 1903, a esposa de Alfred, Elizabeth, escreveu a alguns amigos na Associação de Melhoramentos Mútuos Rapazes em Salt Lake City, descrevendo os peruanos como "muito quietos", mas afetuosos. "Tenho tido o prazer de explicar os princípios de nosso evangelho a muitas pessoas aqui, que não sabiam nada a respeito de nossa Igreja, e assim, sinto-me muito recompensada. E creio que algumas das sementes que espalhei de modo singelo, serão nutridas pelo Senhor, e em alguma época futura produzirão frutos."

Os McCunes foram apenas uma de uma longa fila de famílias de santos dos últimos dias ativas que foram viver e trabalhar no Peru. Todas exerceram uma influência positiva através de seu exemplo, na preparação do terreno para a semente do evangelho.

Os mórmons no Peru eram um pequeno grupo composto de algumas famílias ame-

ricanas, quando o Irmão Frederick S. Williams escreveu à Primeira Presidência, em janeiro de 1956, solicitando sua ligação a alguma das missões sul-americanas.

Depois de intensa correspondência com a sede da Igreja, a Primeira Presidência recomendou, em abril de 1956, que fossem enviados dois missionários ao Peru, do Uruguai, a sede de sua missão. Os missionários realizaram 31 reuniões na casa dos pesquisadores, durante a primeira semana em Lima.

Em 6 de julho de 1956, o Élder Henry D. Moyle, do Conselho dos Doze, e o Élder Frank D. Perry, presidente da Missão Uruguai, chegaram a Lima para organizar um ramo. O primeiro ramo foi organizado como parte da Missão Uruguai.

Quatro anos mais tarde, a Igreja estava pronta para abrir uma missão. Chegou um cabograma da Primeira Presidência, dizendo: "Obtenham visto permanente para Presidente e Irmã James Vernon Sharp, que estão a caminho de Nova York. Partem na próxima segunda-feira de navio." O Irmão Williams recorda: "Cheguei a rir. Eu havia levado três meses para conseguir um visto permanente para mim, com a ajuda de um advogado. E aqui estava, com três dias para obter um visto permanente, e eles a caminho. Mas o Senhor havia preparado um meio."

Essa preparação havia vindo através de uma gentileza feita por Élder Williams a uma jovem conversa que desejava ir para a Universidade de Brigham Young. Ele havia acertado alguma burocracia necessária à sua admissão, e um tio grato oferecera seus serviços para retribuir o favor. Acontece que ele era um funcionário do governo encarregado do departamento de vistos. Irmão Williams ri ao lembrar a experiência. Quando foi ao escritório do funcionário e explicou seu problema, o oficial simplesmente respondeu: "Será que às 17:00 h (hoje) seria muito tarde?"

No dia 1.º de novembro de 1959, o Élder Harold B. Lee, naquela época um

membro do Conselho dos Doze, organizou a missão diante de uma congregação que superlotava o local, dividida entre 300 membros, em cinco ramos. Entre os que ali estavam para ouvir Élder Lee, encontrava-se uma jovem chamada Elsa Lucia Contreras, que ficara impressionada com a mensagem dos missionários, mas que não estava pronta para aceitar o evangelho.

Entretanto, o pensamento de ver um apóstolo vivo emocionou-a, e ela foi ao aeroporto para conhecer Élder Lee. Sua ansiedade e interesse aumentaram, mas ficou decepcionada por notar que ele parecia tão normal em sua maneira de vestir. Mas havia uma diferença definida nele," diz ela. "Ele fulgurava com o Espírito. Nunca me esquecerei de seu discurso na conferência.

"No jantar, depois da reunião, Élder Lee não aceitou seu prato, dizendo: "Primeiro, os visitantes, depois as crianças e então nós." Aí, em vez de sentar-se no lugar especial da mesa, tomou seu prato e juntou-se às pessoas, falando-lhes com a ajuda de um tradutor. Falou com todos. Embora eu não pudesse entender as palavras que dizia, senti seu espírito. Voltei para casa pronta para ser batizada."

O Élder Lee predisse que os filhos do Pai Léhi atenderiam à mensagem do evangelho. Dois anos mais tarde, havia doze ramos no Peru, e mais que mil membros. Apenas treze anos depois da chegada dos primeiros missionários do Uruguai e dez anos depois da organização da missão, foi organizada a Estaca de Lima. Em dezembro de 1977, havia quatro estacas no Peru, assim como duas missões, com um total de 19 497 membros.

Atualmente, a perspectiva para a Igreja no Peru é brilhante. "Ao viajar através desse país," comentou J. Robert Driggs, ex-presidente da Missão Andes-Peru, "*sinto que o Senhor está guardando esta terra para o seu povo*. Existem ainda riquezas a serem descobertas — minerais nas montanhas, petróleo nas sel-

vas e terra esperando apenas para ser irrigada pela água das montanhas cobertas de neve. Sabemos que este é um país escolhido, grandemente povoado com os filhos da Casa de Israel, e virá o dia em que o evangelho será aceito por um número incontável desse povo.

“Existe uma satisfação incomensurável que advém de ver a luz do evangelho acender-se no coração desse grande povo e observar mudanças palpáveis diariamente em sua vida, à medida que progredem com os princípios da verdade que recebem.”

A luz foi sempre uma imagem importante para os peruanos. Muitos de seus antepassados procuravam o sol em busca de inspiração. Agora a iluminação lhes está vindo de uma verdadeira fonte de verdade e luz — Jesus Cristo e sua Igreja.

A Igreja no Chile

O trabalho missionário no Chile iniciou-se quando o Elder Parley P. Pratt e seu grupo chegaram à praia em 1851, mas, depois de sua tentativa inicial, a terra que, com admiração ele descrevera como “tão fértil quanto o Éden,” esperou mais de 100 anos, até que dois missionários chegaram da Argentina, em 1956.

Quatro anos antes de sua chegada, Irmão William Fotheringham, um representante da Companhia Eastman Kodak e membro ativo da Igreja, havia-se mudado para Santiago com sua família. Ele correspondeu-se com as Autoridades Gerais e, em 1953, o Presidente David O. McKay visitou o Chile em sua viagem pela América do Sul. Em 1956, o Presidente Henry D. Moyle também visitou o Chile e, com sua recomendação, os Élderes Joseph Bentle e Verle Allred cruzaram os Andes, vindos da Argentina, iniciando o proselitismo. Logo o Irmão Fotheringham estava presidindo o Ramo de Nunoa, de treze membros norte-americanos.

Em novembro de 1956, houve quatro batismos, os primeiros no Chile. O Irmão Ricardo Garcia Silva, um dos primeiros membros a ser batizados, recorda: “Imaginem: primeiramente havia apenas quatro de nós. Eu sabia que esta era a verdadeira Igreja — eu não possuía apenas fé, mas convicção. Contudo, por causa dos ensinamentos da Palavra de Sabedoria e do dízimo, pensei que seria impossível ter a Igreja sucesso aqui. Assitimos, atualmente, a conferências onde há centenas, e às vezes milhares de pessoas. A Igreja está crescendo dia a dia.”

No dia 17 de junho de 1957, cinco pessoas organizaram a “Corporação d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.” Elas incluíam os dois missionários, Irmão Silva e o Irmão e Irmã Fotheringham.

Quando o Elder Spencer W. Kimball, então membro do Conselho dos Doze, veio ao Chile em 1959, ali havia cerca de 450 membros. Naquele mesmo ano, foram chamados os primeiros missionários naturais do Chile. (Existem agora 286 chilenos servindo missão de tempo integral.)

Em outubro de 1959, o Chile e o Peru foram reunidos sob a jurisdição da nova Missão dos Andes. O Elder Harold B. Lee presidiu essa mudança, testemunhando um serviço batismal no Chile, que aumentara o número de membros para quase 500. No dia seguinte, em Lima, ele recordou desse “serviço emocionante”: “Vimos 45 novos membros batizarem-se na Igreja. Isto significa que quase dez por cento do número total de membros do Chile foram acrescidos em um dia.” Ele continuou: “Julgo que não existem no mundo missões que prometam tanto quanto as da América do Sul. O trabalho vai continuar a crescer e ainda não vimos o número de missões que serão estabelecidas, e existem alguns aqui que verão este crescimento.”

A declaração foi profética. No dia 8 de outubro de 1961, a Missão do Chile foi

organizada, com 12 ramos, quatro deles presididos por chilenos. Em 1963, a Primeira Presidência autorizou a construção de cinco escolas que atualmente fornecem oportunidades de estudo a mais de 2.000 alunos. Até 31 de dezembro de 1977, haviam sido organizadas nove esta-cas e quatro missões no Chile, sendo que o número de membros havia alcançado 37.343, o segundo maior número de san-tos dos últimos dias na América do Sul.

A rápida expansão não deixou de cau-sar problemas. As congregações literal-mente desabrocharam, ultrapassando a capacidade dos edifícios, a despeito de um vigoroso programa de construção. Os líderes identificam a velocidade do cres-cimento da Igreja com um dos seus gran-des desafios, e a fidelidade dos membros como sua maior solução. Certo líder dis-se: “Desde que se iniciaram as reuniões regionais no Chile, em 1972, quando a estaca foi organizada, os líderes do sa-cerdócio de todo o país têm-se reunido duas vezes por ano em Santiago. Muitos deles precisam viajar até 48 horas para chegar a essas reuniões. Mas, a despeito das dificuldades, mais que 90 por cento dos convidados têm estado presentes. Isto é uma demonstração de grande fé e en-tusiasmo dos membros chilenos da Igre-ja.”

O modelo de batismo tem sido que a grande maioria daqueles que são batiza-dos são famílias completas. Por exem-plo: cinquenta e quatro famílias compun-ham a maioria dos 344 batismos regis-trados em julho de 1976. Estão também entrando na Igreja muitos profissionais, fortalecendo-a e elevando sua imagem.

Um dos desenvolvimentos mais recen-tes refere-se ao trabalho genealógico. Du-rante 1976, o Departamento de justiça concedeu à Igreja permissão para mi-crofilmear os registros das paróquias do Chile, uma tarefa enorme e que trará bên-çãos à vida de milhares de pessoas, tanto vivas como mortas. Esse desenvolvimen-to é especialmente significativo para os

membros chilenos, ao prepararem a si e às suas famílias para participarem das ordenanças do novo templo.

A Igreja na Bolívia

Existe uma capela deslumbrante na Bolívia, a primeira a ser oficialmente dedi-cada no país. Quando a visita do Êlder Spencer W. Kimball à Bolívia foi anun-ciada, em meados de 1960 — naquela época ele era membro do Conselho dos Doze — os membros em Quiriza, um pe-queno ramo perto da fronteira com a Ar-gentina, estabeleceram a meta de ter sua capela pronta para ser dedicada.

Ela estava sendo construída, e, de acor-do com Hernan Sainz, atual presidente do Distrito Central La Paz Bolívia, tudo estava correndo bem até que chegou a hora de colocar a viga-mestra no lugar. Então, para tristeza dos membros, des-cobriram que alguém havia cometido um engano: a viga era bem uns 60 cm me-nor do que devia. Dividí-la para aumen-tar era impossível, visto que a viga tinha que ser inteira para suportar o telhado. A cidade mais próxima onde poderiam conseguir outra era a muitas horas de ônibus, e eles não podiam imaginar quan-to tempo demoraria para solicitar, cortar a madeira e enviá-la. Entretanto, era quase certo que seria impossível termi-nar a capela em tempo.

Desencorajados, realizaram uma reu-nião de jejum especial e oraram ao Se-nhor, solicitando ajuda; no entanto, na manhã seguinte, ainda parecia não haver outra alternativa senão a de requisitar a viga-mestra e levantaram-na, para veri-ficar as medidas. E ela encaixou. Encai-xou perfeitamente. Os membros que ado-ram sob aquele teto agora, partilham da força silenciosa que advém de um fato inconfundível de que o Senhor ouve e responde às orações. Os missionários en-traram na Bolívia vindos da Missão dos Andes em 1964, para iniciar o proselitis-mo. O primeiro batismo — a família de Victor Walter Vallejos, em Cochabamba — só ocorreu perto do natal de 1964. Ra-

mos foram abertos em Ouro e Santa Cruz no ano de 1966. Em 1968, a Igreja tinha cerca de 350 membros, e o primeiro missionário boliviano de tempo integral, irmão Carlos Pedraja, foi chamado. Ele serviu em seu próprio país e mais tarde se tornou o primeiro diretor do seminário de tempo integral do seu país. (Há atualmente 68 missionários locais servindo na Bolívia.)

Presentemente, a Bolívia possui mais de 11 000 membros que falam seriamente a respeito dos desafios que enfrentam ao preparar-se para suas próprias estações e templos. Existem agora duas missões na Bolívia: A Missão Bolívia La Paz e a Missão Bolívia-Santa Cruz.

O programa de seminário e instituto, atualmente em seu sexto ano, está produzindo "uma geração de jovens que se estão tornando letrados nas escrituras," com o estudo individual supervisionado em todos os ramos, envolvendo um número estimado de 850 pessoas em 1976-77.

Os esforços em preparar-se líderes locais para cuidar dos ramos e distritos têm encontrado um sucesso notável. Todos os sete presidentes de distrito em La Paz e seus conselheiros são membros locais, assim como a maioria dos sessenta e cinco presidentes de ramo.

Quando se anunciou o Templo do Brasil, os santos bolivianos saudaram as boas novas com emoção e intenso agradecimento, começando imediatamente a realizar projetos de levantamento de fundos. Os projetos de construção são para eles coisa corriqueira, visto que nove ramos já possuem suas capelas e mais algumas estão sendo construídas. Mas, um templo é diferente. Ele dá um ímpeto enorme de viver-se os mandamentos, e as famílias que já puderam ir aos Estados Unidos para fazer seus endowments e selamentos adicionaram seu testemunho das bênçãos, à fé crescente dos membros. A fé produz milagres, às vezes os grandes milagres de vigas mestras aumentadas, outras os calmos, mas não menos milagres de transformar vidas.

A Igreja no Equador

O Presidente J. Avril Jespersen havia chegado à Missão dos Andes, com sede em Lima, aproximadamente cinco semanas antes de um acontecimento registrado com brevidade na história da missão, sob a data de 22 de setembro de 1965: "O Presidente Jespersen passou o dia examinando a correspondência, na qual havia uma carta do Apóstolo Kimball, do Conselho dos Doze, fornecendo seu itinerário de uma visita à missão na primeira parte de outubro. Élder Kimball deseja também abrir a missão no Equador."

Assim, desse modo tão simples, o evangelho veio para o Equador.

Dois élderes foram para Quito, a fim de começar o proselitismo antes da visita de Élder Kimball, umas três semanas mais tarde. A história da missão registra o dia 8 de outubro de 1965 como "um dos maiores dias já experimentados... uma ocasião gloriosa."

Élder Kimball passou aquele dia missionando-se às pessoas nos mercados, comunicando-se com elas a despeito da barreira linguística e rogando por elas poderosamente em sua oração dedicatória: "Elas têm esperado tanto, nosso Pai, pela vinda do evangelho... Nós te pedimos que as abençoes, que seus corações possam ser aquecidos e que elas possam ser satisfeitas com as gloriosas verdades do evangelho."

Assim, não era de uma "abertura" que as pessoas precisavam, mas sim de um "aquecimento", que veio através da dedicação, serviço e amor recíproco dos missionários e membros.

O crescimento da Igreja no Equador desde 1965 tem sido rápido. Muito do sucesso pode ser atribuído às referências fornecidas pelos membros, particularmente ao programa das noites familiares. O número de alunos participantes do programa de seminário e instituto está aumentando, e crescendo a quantidade de pessoas treinadas profissional e tecnicamente que se unem à Igreja. Existem

atualmente mais que 14 000 membros da Igreja. O Equador possui no momento 76 missionários locais.

Mas a maior realização é a feita nos corações dos membros. Nas palavras do Presidente Felix Vaca, do Distrito de Guayaquil: "Meu testemunho é de que, desde que me filiei à Igreja, sou um homem diferente. Amo mais as pessoas e conheço meu papel aqui na terra. Posso testificar de que Cristo dirige sua Igreja. Tenho assistido aos conselhos dos líderes — inclusive alguns dos meus próprios aos jovens — realizarem-se e sei que algum dia estarei com meu Pai nos céus, se guardar os seus mandamentos."

A Igreja na Colômbia

Havia apenas quarenta e cinco santos na Colômbia, quando ela foi dedicada à pregação do evangelho, em 1966. Eles reuniam-se em dois ramos: vinte e oito membros em Bogotá e dezessete em Cali. Atualmente, doze anos depois, cada uma dessas cidades é a sede de uma missão da Igreja. Existe, em Bogotá, uma estaca que se compõe de oito alas e ramos e há 27 ramos nas duas missões. Aos quarenta e cinco santos dos últimos dias, juntaram-se milhares de conversos — em 31 de dezembro de 1977 havia 11 865 membros da Igreja.

Os primeiros missionários chegaram à Colômbia em 1965, e em 1966, o Elder Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze, dedicou o país à pregação do evangelho. Entretanto, apesar de haver-se iniciado tardiamente entre as missões do mundo, a missão da Colômbia é um dos campos mais amadurecidos para a colheita de almas. A Missão Colômbia-Venezuela foi formada saindo da Missão dos Andes, em 1968. Em 1971, a Colômbia tinha sua própria missão, e em junho de 1975, a missão foi dividida, formando a Missão Colômbia-Bogotá e a Missão Colômbia-Cali.

Os colombianos estão muito receptivos à mensagem do evangelho, e desenvolvendo forte liderança local nos ramos e

distritos. Noventa e quatro missionários latino americanos trabalham ao lado dos missionários provenientes dos Estados Unidos.

Antônio Vela, um dos primeiros santos a ser batizado na Colômbia, admite que, quando os missionários chegaram pela primeira vez, estava mais interessado nos "gringos" do que na Igreja. Mas logo obteve um testemunho e foi batizado. Suas primeiras reuniões da Igreja realizaram-se em uma pequena casa e havia apenas quatro membros — mas logo outros se uniram, e o ramo começou a crescer. Então, apenas um ano depois de seu batismo, Irmão Vela ficou completamente paralisado devido a um acidente. Ele passou os últimos dez anos em um hospital militar em Bogotá e o seu testemunho tem crescido, pois transmite o evangelho a outros no hospital e pelo menos um homem com quem falou foi batizado.

Quando o Presidente Kimball veio à Colômbia em março de 1975, o Irmão Vela conseguiu uma permissão especial para sair do hospital e assistiu à conferência. Ficou surpreso e emocionado ao ver o quanto a Igreja havia crescido desde seus dias de um ramo de quatro pessoas. "Todas as pessoas devem conhecer o evangelho," disse Irmão Vela. "As provações desta vida não são nada comparadas às bênçãos da existência vindoura."

As sementes plantadas durante aquele antigo período estão dando frutos agora. Quando o Elder Kimball dedicou a Colômbia para a pregação do evangelho de Jesus Cristo e para a sua edificação aqui, porque esta é a terra de Sião, Sião meridional," ele prometeu que o povo se converterá e se batizará "em número tão grande, que haverá templos edificadas nesta terra."

O templo em São Paulo é o início do cumprimento dessa promessa.

As portas exteriores do Templo de São Paulo feitas em alumínio fundido



